
**PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO HUMANO E
TECNOLOGIAS
(Tecnologias nas Dinâmicas Corporais)**

**CORPOS MODERNOS E VIGOREXIA NA REDE SOCIAL VIRTUAL: IDEAIS
MIDIÁTICOS E SUAS INFLUÊNCIAS NA IMAGEM CORPORAL MASCULINA**

FLAVIO FRANCISCO DEZAN

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre em Desenvolvimento Humano e Tecnologias.

**UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
INSTITUTO DE BIOCÊNCIAS**

**CORPOS MODERNOS E VIGOREXIA NA REDE SOCIAL VIRTUAL:
IDEAIS MIDIÁTICOS E SUAS INFLUÊNCIAS NA IMAGEM CORPORAL
MASCULINA**

FLAVIO FRANCISCO DEZAN

Orientador: Prof. Dr. AFONSO ANTONIO MACHADO

Dissertação apresentada ao Instituto de Biociências do Campus de Rio Claro, Universidade Estadual Paulista, como parte dos requisitos para obtenção do título de Mestre no PPG - Desenvolvimento Humano e Tecnologias (Subárea de Tecnologia, Corpo e Cultura)

RIO CLARO - SP

2011

796.01 Dezan, Flavio Francisco

D532c Corpos modernos e vigorexia na rede social virtual: ideais
midiáticos e suas influencias na imagem corporal masculina /
Flavio Francisco Dezan. - Rio Claro : [s.n.], 2011
105 f. : il., figs., fots.

Dissertação (mestrado) - Universidade Estadual
Paulista, Instituto de Biociências de Rio Claro
Orientador: Afonso Antonio Machado

1. Esportes - Aspectos psicológicos. 2. Distúrbio
de imagem. 3. Redes sociais virtuais. 4.
Desenvolvimento humano. 5. Tecnologias. I. Título.

Ficha Catalográfica elaborada pela STATI - Biblioteca da
UNESP Campus de Rio Claro/SP

DEDICATÓRIA

À minha filha Beatriz.

Carinhosamente, dedico este trabalho aos meus pais (João e Gislaine) e aos meus irmãos (Bruno e Laiz).

Dedico também, de maneira especial, à minha esposa (Melissa) por todos os momentos passados ao longo do desenvolvimento desse trabalho e pelo apoio e confiança incondicionais.

Ao meu orientador e amigo Professor Dr. Afonso Antonio Machado, pela oportunidade, confiança e importância depositadas em mim para desenvolver este trabalho e suas inúmeras contribuições.

AGRADECIMENTOS

Agradeço aos membros do Laboratório de Estudos e Pesquisas em Psicologia do Esporte – LEPESPE – pelas inúmeras discussões que enriqueceram ainda mais este trabalho.

Meus sinceros agradecimentos aos membros da banca examinadora, Daniel Presoto e Carlos Martins, pelas contribuições valiosas.

Agradeço a todos que, de maneira direta ou indireta, contribuíram para o desenvolvimento deste trabalho.

Finalizo meus agradecimentos fazendo uma justa e sincera homenagem àquele que faz jus ao título de professor e, mais ainda, orientador: Prof. Dr. Afonso Antonio Machado.

MUITO OBRIGADO!

EPÍGRAFE

"Não é livre quem é escravo do corpo"
Sêneca

RESUMO

A abordagem do tema corpo é de extrema relevância, em especial quando passamos a estudar enfoques especiais nos assuntos relacionados à vigorexia, e não sem efeito, direcioná-la ao público masculino, apesar deste distúrbio de imagem não se restringir somente aos homens. A tecnologia se faz presente no cotidiano das pessoas, em suas mais variadas formas, quer seja através da mídia, das técnicas de intervenção cirúrgicas, nos produtos de beleza, aparelhos para ginástica, etc., não poderíamos deixar de ressaltar o fato de que o corpo passa a ser objeto de desejos e atenções que remetem a si próprio, seu destino e construção no tocante ao que pode ou não ser valorizado na cultura onde este se inseriu. A busca pelo corpo perfeito tem o efeito de produzir discursos duplos que se justificam por relacionar as atividades físicas como promotoras de boa saúde e veículo de credibilidade social, bem como ser objeto de desejo, mas não deixam claro, ou pelo menos não fazem questão de revelar, quais os processos pelos quais passam os que já adquiriram o tão desejado corpo perfeito, ficando somente sua imagem como fontes de inspiração e desejo. Participaram deste estudo 13 indivíduos do sexo masculino, maiores de 18 anos e usuários da rede social virtual Orkut. Para desenvolver o estudo utilizamo-nos da submissão de questionários online, bem como entrevistas via comunicação síncrona, em sua interface de videochamada (site MSN), quando necessário, na tentativa de minimizar a avaliação de perfis “fakes”. Não foram analisadas questões socioeconômicas. O estudo procurou estabelecer conexões entre o quadro corporal atual, com inúmeras exigências e questões a se valorizar quando pensamos no corpo e suas representações. Atualmente o corpo, por si só, não representa algo socialmente valorizado, a menos que esteja perpassado por inúmeros cuidados que o caracterize como um corpo valorizado. Com base na análise e discussão dos dados podemos concluir que os distúrbios de imagem se fazem presentes em grande número em usuários da rede, uma vez que nossos participantes deram indícios significativos da ocorrência de vigorexia em seus depoimentos e interações com seus pares. A rede mundial de computadores, com suas inúmeras possibilidades, é veículo também para o estabelecimento de vínculos e padrões estéticos que transcendem o mundo das academias de ginástica e musculação, é terreno fértil para cultivo de “amizades” e amizades que façam seus participantes se sentirem acolhidos e validados em seus estilos de vida.

Palavras-chave: Vigorexia. Imagem corporal. Rede social virtual. Desenvolvimento humano. Tecnologias.

ABSTRACT

Approaches about body is extremely important, with a special focus on issues related to vigorexy, and not without effect, direct it to the male audience, considering that this image disturbance is not restricted to men. The technology is present in daily life, in its various forms, whether through the media, the techniques of surgical intervention in beauty products, appliances for gymnastics, etc.. We could not fail to emphasize the fact that the body becomes the object of desire and attention that refer to itself, its destination and construction as to what may or may not be valued in the culture where it is inserted. The search for the perfect body has the effect of producing the double standards that are justified by relating physical activity as promoters of good health and vehicle of social credibility, as well as being an object of desire, but not clear, or at least make a point of reveal, what are the processes by which those who have already acquired the coveted perfect body, leaving only its image as a source of inspirations and desires. The study included 13 males, aged 18 years and users of social networking site Orkut. To develop the study, we use the online submission of questionnaires and interviews via synchronous communication, video calling in its interface (website MSN), when necessary, in order to minimize the assessment of profiles "fakes". Socioeconomic issues were not analyzed. The study sought to establish connections between the current body frame, with numerous requirements and issues to appreciate when we consider the body and its representations. Currently the body, by itself, does not represent something socially valued, unless it is permeated by numerous care that valued characteristic of a body. Based on the analysis and discussion of the data showed that the image disorders are present in large numbers to network users, since our participants gave evidence of the occurrence of significant vigorexia in her speeches and interactions with peers. The World Wide Web, with its myriad possibilities, is also the vehicle for establishing links and aesthetic standards that transcend the world of gyms and bodybuilding is fertile ground for cultivating "friends" and friends that make participants feel accepted and validated in their lifestyles.

Keywords: Vigorexy. Body image. Social networking site. Human development. Technology.

SUMÁRIO

1. Introdução.....	1
2. Objetivos	4
3. Justificativa.....	5
4. Revisão de Literatura	6
4.1 Yuppies e Metrossexuais.....	18
4.1.1 Yuppies	20
4.1.2 Metrossexuais	23
4.2 Formação da imagem corporal negativa.....	28
4.3 Vigorexia.....	30
4.4 Redes Sociais Virtuais	40
5. Procedimentos Metodológicos	47
6. População	50
7. Tratamento de Dados.....	51
8. Análise e discussão dos dados	52
9. Considerações Finais	81
10. Referências	85
ANEXOS	93
ANEXO I	94
Perguntas Geradoras de Entendimento	94
ANEXO II	95
Pessoas citadas pelos participantes da pesquisa como referências corporais	95
ANEXO III	101
Comunidades Virtuais citadas no trabalho.....	101
ANEXO IV.....	107
Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa	107

1. Introdução

A abordagem do tema corpo, com um enfoque especial nos assuntos relacionados à vigorexia, e não sem efeito, direcioná-la ao público masculino, haja vista que, este distúrbio de imagem não se restringe somente aos homens, é de extrema relevância.

Nos dias atuais, onde a tecnologia está presente no cotidiano das pessoas, em suas mais variadas formas, quer seja através da mídia, das técnicas de intervenção cirúrgicas, nos produtos de beleza, aparelhos para ginástica, etc., não poderíamos deixar de ressaltar o fato de que o corpo passa a ser objeto de desejos e atenções que remetem a si próprio, seu destino e construção no tocante ao que pode ou não ser valorizado na cultura onde este se inseriu.

A busca pelo corpo perfeito tem o efeito de produzir discursos duplos que se justificam por relacionar as atividades físicas como promotoras de boa saúde e veículo de credibilidade social, bem como ser objeto de desejo, mas não deixam claro, ou pelo menos não fazem questão de revelar, quais os processos pelos quais passam os que já adquiriram o tão desejado corpo perfeito, ficando somente sua imagem como fontes de inspiração e desejo.

O acesso facilitado de informações para que o indivíduo se torne responsável por si e pela construção corporal, resvala no que é ser valorizado em uma determinada cultura e época, pois vivemos em uma cultura onde os corpos que representam valor são aqueles ditos “sarados”, com musculatura aparente, ativos, sempre em busca de uma beleza perfeita, por isso temos sempre corpos em construção.

Os corpos ganham contornos de transitoriedade.

O corpo que tenho hoje pode não ser valorizado amanhã, ao passo que se me empenhar um pouco mais, melhorar meus treinamentos, me alimentar melhor, poderei ser/ter o modelo de corpo perfeito.

Até quando?

Vemos que se estabelece uma relação de culto ao corpo e devota-se a ele com tanto fervor quanto em épocas não tão distantes, quando se renegava sua existência enquanto expressão identitária da condição humana.

O ascetismo corporal adquire novos contornos, estabelecemos relações tão estreitas com nossas redes de valores, que somos capazes de nos proporcionar patologias relacionadas a estas práticas

Os exercícios físicos, que outrora eram somente vistos como um veículo único e incontestado de promoção de saúde e bem estar, passam por transformações significativas.

O aparecimento da vigorexia surge como forma de expressão corporal ou estilo de vida, como preferem referir a si próprios os acometidos por este distúrbio de imagem, cujo objetivo principal é a obtenção do corpo perfeito, mas nunca estar satisfeito com esta perfeição.

Tal fato é uma das maneiras de obtermos incisivamente indícios de que o corpo masculino não é somente algo a ser considerado somente como força de trabalho, pois nos dias atuais, seu valor social se dá em maior medida às suas formas e em seu empenho na administração e constantes (re)construções.

O impacto das novas tecnologias sobre a construção dos corpos não deve se limitar somente aos aprimoramentos corporais através do desenvolvimento de técnicas cirúrgicas, rotinas de exercícios em aparelhagens modernas, administração de novas drogas para aumento de massa muscular, etc.; deve-se atentar para o fato de que estas pessoas que estão à procura do corpo perfeito encontram na internet um meio de divulgação, pesquisa, debate e autopromoção, bastante eficiente, de alcance e potencialidades “virtualmente” ilimitados.

As redes sociais virtuais, tais como Orkut, Facebook, etc., fazem com que haja uma aproximação entre pessoas que tenham um mesmo objetivo ou que busquem obter informações sobre os mais diversos assuntos, graças às suas “comunidades”, “tópicos de discussão” e interação, em tempo real ou quase em tempo real, com qualquer pessoa em qualquer parte do mundo.

As afinidades pelos temas das comunidades virtuais, bem como a participação nestas comunidades, adquirem status de pertencimento e

valorização daquilo que se faz parte, havendo interação entre os membros ou não, o pertencer, ou melhor, o fazer parte da comunidade é o que passa a importar.

Neste sentido, quanto maior o número de “comunidades”, quanto maior o número de “amigos”, mais acolhido está, mesmo que este acolhimento e interação ocorram com aqueles que são meus escolhidos no meu dia-a-dia, ficando aos Outros, distantes e virtuais, a função de fazerem parte de um “estilo de vida” escolhido previamente.

Sedimenta-se a idéia de compartilhamento de experiências, desde que estas estejam de acordo com suas expectativas, pois, nas comunidades virtuais, escolhe-se o que se quer ler e expor em sua página pessoal, a busca constante pela perfeição encontrada em seus corpos ganha espaço também nas paginas pessoais, com constantes retoques, atualizações e embelezamentos.

Desta maneira, utilizando das redes de comunicação social e participando de bate-papos, entrevistas e observações por meio de webcam buscamos uma imersão nas comunidades de membros assumidamente portadores do distúrbio de imagem corporal (vigorexia) para realizar nossa pesquisa, aqui desenvolvida. Aprendemos muito, desde as mais simples conceituações e contextualizações até o complicado uso de ferramentas tecnológicas, com todos os percalços e facilitadores delas advindos.

Mais que tudo, aprendemos que no ciberespaço, o “real” ganha um duplo no “virtual”.

2. Objetivos

- Verificar a ocorrência de distúrbio de imagem em usuários da rede;
- Analisar a interferência da mídia na formação do distúrbio de imagem encontrado nos usuários destas comunidades.

3. Justificativa

Como educador físico, atuante durante um período considerável de minha carreira profissional como professor de musculação e ginástica, questões referentes ao corpo e seus cuidados sempre foram objetos de minha atenção.

A intensificação dos cuidados corporais e apresentação/exposição de corpos bem desenvolvidos se tornaram símbolos de um ajuste social assertivo. Entendemos que aquilo que outrora eram preocupações de um público majoritariamente feminino se fez presente em um universo tomado por preconceitos e restrições, composto por pessoas que anteriormente não demonstravam tanta preocupação com sua estética corporal, ou seja, homens.

Ao direcionar as atenções para este público vemos que este não tem espaço no tocante às suas inquietações e angústias corporais e, quando é foco de atenção, acaba sendo tratado de maneira a relativizar seus problemas e não com a seriedade que lhes cabe, é quase que uma atração à parte, menor.

Dito isso, este estudo também encontra justificativa pela escassez de estudos relacionados ao tema proposto, como já mencionado acima, por se referir a um público que, em sua maioria, é composto por homens.

Outro fator de bastante interesse no desenvolvimento do tema foi o alcance/interações sem limites das conexões interpessoais na rede mundial de computadores, divulgando e solidificando um estilo de vida potencialmente nocivo.

4. Revisão de Literatura

No decorrer dos últimos anos, percebeu-se em grande escala o aumento de interesse nos assuntos relacionados ao universo masculino, em especial destaque, o culto ao corpo e suas conseqüências sociais.

Não falamos aqui de qualquer corpo, evidenciaremos aquele corpo dito perfeito, que vende produtos de grifes famosas, que tem grande apelo midiático, estabelecendo padrões de beleza e de grande aceitação e admiração social, o corpo dito “malhado”, trabalhado horas a fio em salas de musculação para obter resultados máximos.

Para desenvolver tal estudo, focamos nossas atenções no fato de que este corpo dito perfeito e desejável traz consigo inúmeras conseqüências, até então, somente imagináveis em ambientes de ginásios de fisiculturistas ou atletas de alto nível.

A proximidade das realidades dos ambientes supracitados e a vida cotidiana das pessoas que fogem a estas caracterizações é cada vez mais palpável se atentarmos para o fato de as mídias estabelecerem laços estreitos com a população em geral e, deste meio estar cada vez mais sendo influenciado e sendo influenciador em todos os níveis sociais.

A internet, como um meio de interação, divulgação das mais variadas formas de notícias, entretenimento, entre outros atributos, exerce forte influência no que tange aos comportamentos e atitudes sociais validadas como sendo aceitáveis e reproduzíveis, o que acaba trazendo consigo situações que nem sempre serão as melhores opções quando analisadas de uma maneira séria e crítica.

Pensar o corpo é pensar em todo aspecto que o cerca e todos os fatores que influenciam sua construção ao longo do tempo, isso envolve muito mais que a uma simples definição de aparência física, ou seja, simplesmente seu formato, nesta sociedade de início de século.

Debruçamo-nos, mesmo que inicialmente, no que Malysse (2002), referindo-se a Duflot-Priot (1981), quando este relata a aparência física como:

“... o corpo e os objetos usados pelo corpo, ou ainda como um conjunto de características físicas constantes (ou que variam lentamente), de atitudes corporais (posturas, expressões, gestos) e atributos (roupas, penteados e acessórios). Ou seja, a aparência é a parte visível que a pessoa oferece à percepção sensorial do outro, e todo ato social que utiliza a aparência ocorre em um ambiente visual.” (MALYSSE, 2002, p. 117-118)

Fatores distintos compõem a relação visual social, um dos fatores é o da aparência física, considerada como a primeira fonte de informação na interação social, a realidade física, como já explicitada acima, fator este que pode ou não ser gerador de insatisfações corporais, uma vez que pessoas que possuem aparência física condizente com os cânones de beleza atuais podem se sentir bem consigo mesmos ou não.

O contrário também se aplica, pois não possuir um corpo padrão de beleza, para inúmeras pessoas, pode não ser fator de insatisfação corporal, o que nos leva a pensar em algo que envolva toda sua percepção subjetiva do corpo, suas vivências e experiências corporais, ou seja a imagem que fazemos do nosso corpo, nossa imagem corporal.

A imagem corporal é a representação do corpo que cada pessoa constrói em sua mente, bem como a vivência que tem deste mesmo corpo, e, segundo Cash e Pruzinsky (1990); Tompson (1990) citados por Salaberria *et. al.* (2007) é composta por variáveis de aspectos perceptivos, aspectos cognitivo-afetivos e aspectos condutais.

Os aspectos perceptivos se baseiam na precisão que o indivíduo tem do tamanho, peso, forma do seu corpo, em sua totalidade ou partes dele, sendo que as alterações na percepção corporal podem dar lugar a superestimações ou subestimações corporais.

Já os aspectos cognitivo-afetivos compõem as atitudes, pensamentos, sentimentos e valorizações que são despertadas pelo corpo em sua forma, tamanho, peso, quer seja em sua totalidade ou em partes dele, sendo que, do ponto de vista emocional, a imagem corporal incorpora experiências de prazer, dor, satisfação, desprazer, raiva, etc.

Os aspectos condutais encampam as condutas que derivam da percepção e dos sentimentos associados ao corpo, podendo ser sua exposição ou evitação, a comprovação, seus rituais ou seus disfarces, etc.

Paul Schilder (1999) reforça o caráter multidimensional da formação da imagem corporal evidenciando que, além de nossas impressões passadas, as relações com o meio externo e com nós mesmos fazem parte da imagem corporal, sendo esta algo que “... não se baseia apenas em associações, memórias e experiências, mas também em intenções, aspirações e tendências”. (SCHILDER, 1999, p.318)

Analisando os trabalhos de Schilder, Turtelli e Tavares (2007) relatam que o autor, constantemente remete a como fazem parte dos nossos aspectos fisiológicos, as nossas experiências psicológicas e, de maneira inversa, como nossos aspectos fisiológicos, inevitavelmente, estão em nossas experiências psicológicas de nós mesmos, estando em nossa capacidade e necessidade de nos representarmos para nós mesmos e no modo como o fazemos. Assim:

“Segundo o autor [Schilder], não podemos afirmar que existam em nós dimensões somente fisiológicas ou somente psicológicas. Vemos nessa perspectiva apresentada pelo autor a busca de uma visão integral do corpo, uma tentativa de superação da dualidade representada pelo “corpo” e pela “mente””. (TERTULLI; TAVARES, 2007, p.85)

Esta discussão sobre o que é de caráter biológico e o que é de caráter fisiológico na definição da imagem corporal se dá pelo fato de autores como Olivier (1995), Dolto (2001), dentre outros, segundo Tertulli e Tavares (2007), considerarem que a imagem corporal encampa aspectos psicológicos, classificando os aspectos fisiológicos como esquemas corporais.

Tavares (2007), em seu livro chamado “O Dinamismo da Imagem Corporal”, cita Campbell (1998), onde este faz distinção não entre dois tipos diferentes de representação – imagem corporal X esquema corporal – e sim entre modos nos quais uma representação do próprio corpo pode ser usada, sendo que, no esquema corporal, a representação é usada para mediar as próprias percepções e ações, e a imagem corporal é utilizada para registrar o impacto do próprio comportamento nas outras pessoas, colocando a imagem

corporal ligada ao próprio comportamento em relação ao outro e esquema corporal apenas com relação a si mesmo.

Shontz (1974) faz crítica a amplitude de utilização do termo imagem corporal, colocando que a imagem corporal vem sendo utilizada e definida de diversas maneiras, tendo como uma de suas conseqüências, a perda de seu significado específico e suas relações com outras construções teóricas tem sido ignoradas ou descrita de com tanta imprecisão, que ao invés de proporcionar um bom entendimento, faz com que se confundam.

O autor também traz uma preocupação de ordem prática, o que neste caso, vem a ser de grande relevância a este trabalho, pois com todo este ofuscamento e dispersão de terminologias, as pessoas que sofrem de distúrbios de imagem corporal, tem dificuldades de encontrar literaturas científicas específicas que possam guiar descrições e tratamentos para distúrbios de imagem corporal, para esta cultura do século XXI.

Para tanto, Shontz (1974) em uma tentativa de clarificar e se fazer entender sobre sua conceituação do que é imagem corporal, cita três idéias que impedem uma abordagem adequada do assunto:

1. A imagem corporal não é um desenho, uma foto ou um diagrama do corpo. Se uma imagem (visual) do corpo fosse necessária para que pudéssemos nos locomover adequadamente, como explicar que um caçador primitivo pudesse correr atrás da caça, sem nunca ter se visto no espelho ou ter a capacidade de se reconhecer em uma foto? Para caçar, o caçador não precisa literalmente se ver correndo atrás da caça.
2. Imagem corporal não é uma pequena pessoa que temos na nossa cabeça. A imagem corporal possui relação estreita com a personalidade e com o chamado “ego corporal”, interpretando as sensações corporais, acentuando ou diminuindo estas sensações, dependendo de seu significado. Neste caso, corre-se o risco de acreditar, segundo o autor, que o “ego corporal” ao qual a imagem corporal está intrinsecamente associada, corresponder a um ser dentro de nós, tomando decisões independentemente de eventos observáveis externamente.

3. Imagem corporal não é um órgão do corpo, ressaltando que a imagem corporal é fisiológica, e também psicológica, podendo ser modificada tanto por alterações na estrutura corporal, quanto pelo aprendizado.

A concepção de que a imagem corporal, para Schilder (1999), é algo fluido e mutável, podendo encolher ou se expandir, pode dar partes suas ao mundo externo ou pode se apoderar de partes dele. Deste modo:

“Quando tocamos um objeto com a extremidade de uma vareta, a sensação é percebida na ponta da vareta. Esta se torna, realmente, parte da imagem corporal”.
(SHILDER, 1999, p.223)

Ao considerar “imagens corporais primárias”, Schilder (1999), as classifica como algo relativamente rígido e com tendências à cristalização, pois ao nos movermos, ao utilizarmos roupas, adereços, manuseamos objetos e de acordo com nossos estados emocionais, modificamos essas imagens para um posterior retorno a uma dessas “imagens corporais primárias”, mas este retorno faz com que sejam um pouco diferentes da imagem anterior, pois segundo Damásio (1996) citado por Tertulli e Tavares (2007), não temos como sempre retornar a uma imagem de maneira idêntica, pois estamos sempre criando e recriando as imagens no presente.

Portanto, segundo Nasio (2009), a imagem do corpo é, senão, a própria substância do nosso eu, não sendo o corpo somente de carne e osso, somos o que sentimos e vemos do nosso corpo. Nosso eu é a idéia íntima que forjamos do nosso corpo, isto é, a representação mental de nossas sensações corporais, que é mutante e incessantemente influenciada por nossa imagem do espelho, sendo composto de duas imagens corporais de naturezas diferentes e indissociáveis, a imagem mental de nossas sensações corporais e a imagem especular da aparência do nosso corpo.

Destarte, a imagem que tenho do meu corpo é sempre fator de tensões e afetos, bem como objeto de distorções e, de acordo com Nasio (2009) baseando-se em Lacan, a imagem de um objeto, neste caso o corpo, é percebido de maneira falsa ou distorcida, quando existe uma relação de amor e ódio com o referido objeto, sendo que a percepção de qualquer coisa

importante para o sujeito será inexoravelmente deformada pela influência de amor e ódio, consciente ou não.

Ainda segundo Násio (2009), a imagem corporal pode ser deformada pelo surgimento de uma antiga emoção infantil, e deformada pela presença do outro, sendo este, ao mesmo tempo, a presença interiorizada de todos aqueles que foram, são ou serão meus eleitos, bem como de maneira mais global, a influência social, econômica e cultural do mundo em que vivo.

Em suma, o vocabulário “grande Outro” recobre tanto todas as pessoas que marcam minha existência como as determinantes sociais que me condicionam. (NASIO, 2009)

Sendo assim, “... nossa imagem corporal só adquire suas possibilidades e existência porque nosso corpo não é isolado. Um corpo é, necessariamente, um corpo entre corpos. Precisamos ter outros à nossa volta”. (SCHILDER, 1999, citado por CAMARGOS e ASSUNÇÃO, 2007, p.137)

O que podemos identificar nos dias atuais é o fato de o corpo ter obtido um grau de destaque de extrema relevância ao longo da história, como nos ilustra Mattos (2007), citando Vigarello (2005), em que este autor relata a ocorrência de uma verdadeira metamorfose nos corpos ao longo do século XX, os corpos magros, finos, musculosos e bronzeados conquistaram seu espaço.

As marcas deixadas nos corpos pelas atividades físicas, dando especial ênfase ao desenvolvimento da musculatura e pelo banho de sol (bronzeado) tornaram-se atributos fortemente valorizados pelas pessoas. Houve, assim, uma transformação do corpo e a beleza tornou-se uma das principais receitas da juventude, nesta época, dos anos 2000.

A silhueta esbelta e esportiva, os membros musculosos e sem gordura localizada tornaram-se ideais de beleza. A cultura de massa (legitimada pelo discurso médico-científico) produz um conjunto de medidas, as quais todos devem se encaixar.

Neste sentido, Estevão (2004) relata que os movimentos Eugênicos e Sanitaristas, que foram corporificados no Brasil a partir do início do século XX, podem ser considerados precursores ideológicos da apologia do estilo de vida ativo, cujos ditames impositivos já estavam arraigados na percepção do imaginário popular de nossa sociedade, de modo a culpabilizar qualquer

pessoa que ainda não tenha demonstrado inclinação para experimentar os supostos efeitos incontestáveis destas atividades à sua saúde.

Ainda nesta perspectiva de que o indivíduo é o único responsável por obter um estilo de vida saudável e um corpo de acordo com os padrões estabelecidos por uma sociedade de consumo voraz, tal culpabilização por não conseguir obter tais atributos recai na premissa de que, se o comportamento de vida ativa fosse adotado, tanto sua saúde, visto agora como ausência de doenças, e sua conformação física, visto como ausência de gordura corporal e quantidade considerável de musculatura aparente, só poderiam ser possíveis se os comportamentos preconizados fossem adotados.

Apropriando-se deste quadro citado acima, os números que qualificam o corpo, a saúde e a beleza invadem as revistas e a televisão.

Deparamo-nos com a construção de corpos que são valorizados cada vez mais pelos meios de comunicação em massa e o estabelecimento de estereótipos corporais faz com que estes corpos tornem-se modelos para quem quer obter sucesso, em suas mais variadas formas, quer seja profissional, afetivo, sexual, etc., pois, o corpo bem sucedido é aquele que apresenta as características valorizadas à sua época.

Pensando o corpo a partir do que o filósofo Foucault diz, conforme citado por Martins e Altmann (2007), em meados do século XVII há o desenvolvimento de um poder político que tinha como tarefa gerir a vida do corpo social, e cujos desdobramentos se deram em dois pólos que se interligam através de um conjunto de relações intermediárias: um corpo visto como máquina e outro corpo visto como o corpo espécie, nos direcionando a aspectos relevantes que nos levam a acreditar que tal corpo não é algo isento de influências externas, tampouco embota a influência sobre o que recai sobre si, pois:

“... o corpo para Foucault não tem estruturas e nem necessidades fixas, como que a perspectiva naturalista, mas pode ser modificado, aperfeiçoado e suas necessidades são produzidas e organizadas de diferentes maneiras. Ela é maleável, flexível, formado por diversos hábitos, valores e práticas, estando, portanto, inscrito na história. É por não ser um dado natural que as técnicas de poder investem sobre sua materialidade e força. Parte do pressuposto de que todo poder tem um “corpo”, pois se

exerce fisicamente através de diferentes dispositivos e, por outro lado, se inscreve sobre os corpos em sua materialidade. Foucault investiga o aparecimento, articulação e desenvolvimento de uma *tecnologia política do corpo*, entendida como o entrecruzamento das relações de poder com o saber e o corpo. Essa tecnologia não é fixável, nem se exerce em uma única e exclusiva instituição e/ou aparelho estatal, ainda que seja por eles utilizada. Seus mecanismos e efeitos situam-se em outro nível, aquele dos rituais minuciosos e detalhados do poder; o nível microfísico.” (MARTINS & ALTMANN, 2007, p. 25)

“A partir dos anos 60 do século XX, a construção de uma beleza autêntica e a idéia de que ‘só é feia quem quer’ são enfatizadas” (MARTINS & ALTMANN, 2007, p.29), não devendo assim, sofrer pela falta dela, uma vez que toda uma sorte de aparatos e técnicas para o embelezamento feminino foi desenvolvida e vem sendo aperfeiçoada ao longo do tempo, tais como cremes, técnicas de massagem e cirúrgicas, aparelhos para ginástica e profissionais cada vez mais especializados nessas novas tecnologias que vem surgindo no decorrer dos anos.

A cargo de toda essa evolução técnica/tecnológica do que cerca o corpo, vem a reboque uma série de complicações advindas de tamanha exigência com os cuidados com o corpo, tais como desordens alimentares, exageros cirúrgicos, excessos de toda ordem para manter aquele corpo que outrora foi relegado ao acaso, ao “natural”, hoje ganha status de autônomo, de dono de seu próprio destino, mesmo que, ao mesmo passo que se obtém tal status, se estabelece um paradoxo onde o corpo belo e autônomo perde sua liberdade para todo o aparato de embelezamento, com suas regras e padrões estereotipados, com bem ilustra Courtine:

“... o individuo, sem nenhuma dúvida, ampliou seu potencial de ação, e o corpo ganhou uma liberdade inédita de movimento. [...] O organismo é o objeto de uma gestão ansiosa. A saúde, em que os puritanos de outrora não viam mais do que um bem a conservar, tende a se transformar no objeto de uma atividade febril. O amor pelo bem-estar produziu suas servidões. Entre elas o culto ao corpo.” (COURTINE, 1995, p. 102)

No tocante ao exposto acima, ao longo dos anos foram sendo libertadas algumas amarras que relegavam ao corpo masculino ser somente algo de produção intelectual ou de força bruta de trabalho, tendo este corpo uma função específica em sua utilização que não era o de ostentar qualquer atrativo físico pela sua forma, como a conhecemos hoje, o que acaba por reforçar a idéia de que o nosso corpo está em constante transformação e sofre as ações do que é valorizado à sua época.

Sendo assim, os homens passaram a construir valores associados aos seus corpos que permeiam as vaidades somente pensadas no cotidiano das mulheres, sem perderem sua masculinidade, mas também colocando tal situação à prova, uma vez que tais características e cuidados eram e ainda são caracterizadoras de um universo massivo feminino.

O dualismo entre corpo e mente vem à tona, o corpo aparece como objeto sobre o qual atua o poder da mente, e é nas academias de musculação que se encontram os homens responsáveis por delinearem seus corpos de sucesso, seus corpos novos, apresentados e apresentáveis em suas características mais valorizadas, pouca gordura corporal e muita massa muscular.

Tais benfeitorias são alcançadas graças ao domínio da mente sobre o corpo, uma vez que os esforços necessários para se obter resultado digno de admiração coletiva passam por grandes doses de dor e sofrimento corporal autoimposto.

Para Sabino (2002), percebe-se nas academias de musculação que o indivíduo é considerado responsável pelo controle do seu corpo, e tal controle desenvolve-se gradativamente em um crescendo que acaba por se tornar uma espécie de conversão, de ressignificação do mundo, a qual se reconhece em uma análise comparativa do antes e depois de ingressar em suas rotinas de treinamentos e cuidados com seus corpos, e essa concepção individualista confere à pessoa a capacidade de fabricar seu próprio destino.

Apropriando-se do discurso da boa forma física, ascensão social através da beleza, aceitação social e todo seu entorno, surge uma mídia que enfoca todos esses aspectos e cria um mercado onde a satisfação corporal passa, quase que obrigatoriamente, por suas páginas de revistas, programas de televisão ou sites de internet.

As informações contidas nesses meios de comunicação têm o objetivo de colocar aqueles que buscam o corpo ideal diante de sua imagem ideal, gerando tensões e expectativas sobre este corpo idealizado, ainda que este não seja o seu.

Receitas de boa forma física são fornecidas e todos os “truques” para se obter os resultados ideais são tratados de maneira simples e corriqueira, mesmo que, na realidade do dia-a-dia, tais fatos não se concretizem.

Cria-se assim um novo padrão de corpo, os corpos midiaticizados, sofrendo e influenciando toda uma série de situações em que este exerce papel central, as atenções voltam-se para o cuidado com o corpo e sua imagem enquanto catalisadora de potenciais sociais.

Outro fator que passa a ser fruto de maiores atenções é o de que a mídia, através de sua publicidade se apropria da comunicação não verbal para difundir suas idéias e produtos, estando em todo o processo comunicativo, como se pode notar quando recriam personagens, gestos, ambientes, imagens, formas, cores, etc., numa cultura do século XXI.

Lozano (1999) citado por Peyrò (2006) ilustra que o objetivo das propagandas publicitárias é, primeiramente, chegar ao seu destino, para posteriormente persuadi-los de suas idéias, utilizando-se de três fatores para lograr êxito: dar credibilidade, ter aceitação e conseguir persuadir.

Em função destes objetivos, a mídia utiliza-se do erotismo, dos arquétipos e estereótipos como principais veículos de propaganda, uma vez que a utilização de mensagens, imagens e valores sociais que se associam ao produto ou serviço, e que pertencem ao imaginário coletivo, são conscientemente simplificados para uma rápida e fácil recepção. Desta forma:

“Os personagens publicitários são as ferramentas mais utilizadas para conjugar estes recursos. Trata-se de representações duplamente distorcidas da realidade; em primeiro lugar, por ser cópia da realidade e, também, por ser uma imagem de interesse de quem a produz e que, em muitos casos, está destinada a manipular a consciência do espectador. Através deles, de suas aparências e atitudes manipuladas e estudadas, se transmitem ideologias e valores que se fundem e confundem com a marca, produto ou serviço anunciado. E são estas conotações publicitárias que verdadeiramente direcionam a publicidade como um “quinto poder”, capaz

de controlar, persuadir e manipular em função de objetivos raramente altruístas.” (FERRER ROSELÓ, 1988 citado por PEYRÒ, 2006, p.300)

César Sabino, ao tratar do assunto, no livro *Nu e Vestido* (2002), da autora Mirian Goldenberg, relata que:

“não se trata de tomar a *doxa* midiática como padrão de conhecimento sociológico, mas de levar em conta o surgimento de novas tendências e posturas sociais que a mídia expressa...” (SABINO, 2002, pg.144)

Quando este faz alusão a matérias de jornais e revista em que o corpo masculino e feminino está cada vez mais padronizado e atendendo aos interesses comerciais de grifes de roupas famosas ou para a exposição desses corpos em eventos de grande porte, como o carnaval, e continua ainda enfatizando,

“... uma tendência ético-estética atual, a qual denominei androlatria: adoração, tanto por parte de homens quanto de mulheres, dos princípios morais e éticos constitutivos da masculinidade hegemônica, considerados como símbolos de superioridade e sucesso econômico e social.” (SABINO, 2002, pg.144)

Podemos destacar também o avanço tecnológico como um dos fatores determinantes para o estabelecimento de algo que chamo de “Indústria da Insatisfação Corporal”, pois com a expansão das telecomunicações, e conseqüente massificação da exposição de corpos, e não são corpos quaisquer, são os corpos perfeitos, obtidos, em sua maioria, graças aos retoques de programas de computadores específicos para o “embelezamento”, demonstrando assim, clara intenção de tornar perfeito e eliminar qualquer indício de não-perfeição.

Tais procedimentos induzem a uma perseguição de ideal corporal que somente passa a existir nas capas e interiores de revistas e programas de televisão, produzindo culturas onde o investimento para a obtenção de um corpo ideal, midiático, é de cifras consideráveis. Sabino enfatiza ainda que, pessoas passam a consumir cotidianamente todos os tipos de produtos materiais e simbólicos, tais como drogas, filmes, revistas, exercícios, dietas,

suplementos alimentares, etc. e que as academias de musculação - e acrescento também ginástica – surgem como fábricas de produção da forma, fabricando corpos para serem consumidos pela lógica do mercado.

Com o advento das novas tecnologias de intervenções corporais para sua potencialização social e (re)criações de corpos novos para a obtenção de uma beleza mutante, não seria de se estranhar que o padrão de beleza esteja sempre em busca de algo mais, de uma perfeição ainda mais perfeita que a anterior.

Para tanto, todo um aparato de técnicas, produtos e novos profissionais são criados para atender a esse mercado do corpo mutante, e cada vez mais exigente. O ser belo e perfeito envolve mais do que submeter-se horas a fio em tais procedimentos, segundo Camargos e Assunção (2007),

“... diretamente relacionada à beleza física está à idéia de que homens e mulheres belos devem ser alegres, comunicativos, bem sucedidos, inteligentes, agradáveis e evoluir encanto no espaço social onde estão inseridos. Portanto, grande parte da civilização contemporânea acaba por idolatrar a beleza. A busca pelo ser belo é absorvente e deixa os indivíduos vulneráveis a pagarem qualquer que seja o valor (emocional, moral, financeiro, etc.) por este status. Nesse sentido, são incontáveis os tipos de procedimentos existentes para adquirir, aumentar ou preservar a beleza e eles podem se justificar por meio das recompensas emocionais, sociais e até materiais proporcionadas pela sensação de estar belo. Por outro lado, o desejo de sentir-se belo se distorce e precariza à medida que a estética da beleza se torna o elemento mais importante para a geração de prazer e de bem estar, fato que se acentua com o apoio das indústrias milionárias e da mídia, que criam imagens do belo e as trafica como drogas para a sociedade, e se viabilizam por intermédio da inveja e da cobiça.” (CAMARGOS; ASSUNÇÃO, 2007, p.137)

Ao depararmos com situações como as descritas acima, devemos nos atentar para algo que Peyró (2006) destaca quando relata que a imagem corporal está intimamente relacionada com questões de auto-estima e quando o espelho se torna uma obsessão, corremos o risco de nos tornarmos “Narcisos do Século XXI” podendo desenvolver doenças psicofísicas como a bulimia, a anorexia ou a vigorexia.

4.1 Yuppies e Metrossexuais

Pode-se caracterizar brevemente essa “cultura de si” pelo fato de que a arte da existência – a techne tou biou sob as suas diferentes formas – nela se encontra dominada pelo princípio segundo o qual é preciso “Ter cuidado consigo”; é esse princípio do cuidado de si que fundamenta a sua necessidade, comanda o seu desenvolvimento e organiza a sua prática. (FOUCAULT, 1999 in GARCIA, 2004, p. 7)

Traçamos um paralelo entre essas duas caracterizações e a vigorexia pelo fato de representarem, em sua maioria, jovens urbanos, obcecados pela aparência superficial e que não medem esforços, tanto de ordem física quanto financeira, para atingirem seus objetivos e/ou anseios corporais e sociais, e tais designações são repletas de signos característicos que uma dada cultura e época inserem em seus atores/agentes sociais, fazendo com que estes sejam reconhecidos e valorizados por suas características.

Segundo Ferrari (1983), os atores, agentes ou sujeitos são os personagens mais importantes da sociedade e, de acordo com a teoria da ação, os “atores” são agentes ou pessoas que, individualizados, constituem organismos fisiológicos, do mesmo modo que coletivizados continuarão a ser organismos fisiológicos e, dentro do contexto societário, o ator é considerado dentro de sua importância direcional, desenvolvendo sua cognição, sentimentos e tendências, para agir com relação à sociedade em que vive. Logo:

“Este sistema que os inclina a um dado comportamento (ação) é denominado atitude, [...] a atitude é constituída por três componentes: as cognições de um indivíduo com relação a um objeto, que por sua vez estão influenciadas pelos seus sentimentos (emoções ligadas ao sujeito) e por suas tendências para agir diante do objeto. Portanto, as atitudes constituem características da estrutura interna da sociedade, entretanto não se trata de qualquer atitude individualizada, mas daquelas atitudes coletivas diante de objetos de interesse societário”. (FERRARI, 1983, p.103)

As redes sociais as quais estes atores, agentes ou sujeitos estão inseridos são de grande importância na análise de suas ações, ficando assim difusas e polifônicas, sem identificação precisa destas, pois não se sabe ao certo quando estes estão sendo influenciados ou sendo os influenciadores destas ações, graças à enorme gama de interações que se formam entre eles, devido à efervescência das redes sociais virtuais, ou redes de relacionamento on line. São redes fluidas, que têm a intenção de envolver mais pessoas, de forma rápida e atemporal.

Tanto Yuppies quanto Metrossexuais tem como característica o desejo de serem vistos e reconhecidos como tal, o que carrega consigo todos os signos característicos próprios e de seus pares e, nos dias de hoje, com a facilidade de agrupamento social através de redes sociais virtuais, tais indivíduos ganham uma ferramenta poderosa de exibição e, porque não, de afirmação e divulgação de si e de seus pares, estando juntos na permanente busca de observadores ou curiosos pelo seu padrão corporal.

Com efeito, Aguiar (2007) cita que:

“... atualmente, há dezenas de sites que oferecem “serviços de redes sociais” cada qual buscando um “nicho de mercado” relacionado a algum tipo de subcultura (adolescentes, músicos, participantes de jogos baseados em avatares, entre outros), 15 dos quais concentram a audiência em todo o mundo, geoestrategicamente distribuídos, sendo 25% dos acessos na América do Norte (EUA e Canadá). As consequências do uso desses sites para as relações de amizade e para as noções de identidade, privacidade, autenticidade, comunidade e sociabilidade estão apenas despontando. Nessa visão de mercado, a palavra “amigos” foi ganhando um sentido muito diferente das relações afetivas tradicionais, que pressupõem reciprocidade, confiança, intimidade, sinceridade, e sendo associada a uma competitividade antagônica ao espírito solidário das redes sociais da vida cotidiana e dos contextos sociopolíticos”. (AGUIAR, 2007, p.11)

A dinâmica de interação entre seus pares nas redes sociais virtuais faz alusão ao que Calligaris (1998) cita, quando relata que:

“... narrar-se não é diferente de inventar-se uma vida. Debruçar-se sobre sua intimidade não é diferente de inventar-se uma intimidade. O ato autobiográfico é constitutivo do sujeito e seu conteúdo.” (CALLIGARIS, 1998, p.49)

O autor também destaca a função puzzle (quebra-cabeças) operada pelos diários, livros de memórias e autobiografias, cujas configurações podem facilmente serem percebidas em comunidades virtuais da internet, como o Orkut, Facebook, Twitter, MySpace, entre outros.

4.1.1 Yuppies

No começo da década de 1980 surgiu uma designação para jovens que se aproveitaram das grandes oportunidades que surgiam com as movimentações financeiras das bolsas de valores nos Estados Unidos, eles eram conhecidos como YUPPIES, nome este derivado da sigla YUP (Young Urban Professionals).

Estas pessoas são caracterizadas por jovens homens de negócios, cuja tendência é a de tornarem-se ricos, pois trabalham em uma profissão bem remunerada e que vivem e/ou trabalham em uma grande cidade ou próximo dela. Mas o termo pode agora ser usado para descrever alguém que vai aproveitar qualquer oportunidade para ostentar sua abundância financeira, sendo o dinheiro verdadeiro ou não, pois seu status e aparência devem ser indicadores de sua posição social bem estabelecida.

Vieira (1992) relata que as propriedades objetivas que definem enquanto grupo são os atributos de sua condição de raridade enquanto jovens de sucesso num contexto de precariedade: sucesso escolar e profissional precoce, traduzido em consagração social e em benefícios materiais e simbólicos daí decorrentes, tais como a adoção de estilo de vida pautado por elevados níveis de consumo e a fruição hedonista de seu sucesso – férias dispendiosas, carros de luxo, roupas de grifes famosas e aparelhos eletrônicos de última geração.

O autor ainda cita o fatos destes jovens possuírem espaços de comunhão específicos, ou seja, locais de encontros exclusivos, tais como clubes, bares, restaurantes e academias de ginástica altamente restritivos, tranquilos e inacessíveis.

Estes jovens são, basicamente, pessoas que encontram a sua auto-estima através de marcas e nomes de atividades de alto status social, sendo obrigados a apreciar essas coisas, porque a sociedade em que estão inseridos diz que elas são agradáveis e bem valorizadas, proporcionando um nível social diferenciado para aqueles que as possuem.

Eles compram as marcas, não somente por gostarem ou terem aprendido a gostar dos itens que compram, mas para demonstrar que estão em níveis sociais superiores que os demais, o que pode ser notado pelo fato destes estarem sempre atualizados e possuírem (quase) tudo o que há de mais moderno no mercado de consumo, tais como telefones celulares e computadores.

Tal demanda por um status diferenciado não poderia deixar de lado a preocupação que estes profissionais tinham com suas aparências, pois para obterem grande sucesso e aceitação social, estes deveriam apresentar-se de maneira impecável em suas caras vestimentas e cuidados com seus corpos, em especial destaque para os cuidados com seus rostos.

Pensamos valer a pena trabalhar com estes aspectos sociais valorizados em um determinada época porque vemos semelhanças no que tange os cuidados com a aparência física e o significado que esta possui e transmite aos demais, neste caso, a ênfase é dada quase que exclusivamente nos rostos mais vistos e de maior destaque da sociedade, tendo aí, um modelo a ser seguido pelos demais postulantes a uma nova situação social.

Nesta situação, o corpo como vemos hoje não apresentava grande destaque, o que deveria ser visto era um homem jovem, com gel no cabelo perfeitamente arrumado, para demonstrar frescor e passar uma imagem de sempre estar pronto para o trabalho e qualquer outra situação social, aliado a isso, rostos barbeados à perfeição ou barbas aparadas milimetricamente.

Coutine (1995) ilustra esta junção das tecnologias de cuidados com os corpos e a percepção exterior e maquínica do seu próprio corpo quando cita que:

“... não são todos que se entregam com constância, que exibem o mesmo ardor, colhem as mesmas alegrias ou os mesmos sofrimentos. Todavia elas são particularmente identificadas como o “estilo de vida” que se tornou o emblema dos anos 80: os yuppies.

Esses “jovens profissionais urbanos”, ávidos pela auto-realização através do sucesso material, praticantes mais assíduos da transpiração eletrônica, fizeram deste tipo de aparelhagem um signo essencial de pertencimento a seu grupo: as máquinas de remar, pedalar, simular a subida de degraus de escada, passaram a ser um elemento de decoração doméstica, uma peça do mobiliário colocada à vista. [...] São práticas destinadas a demonstrar uma integração às normas corporais em vigor, a fornecer um testemunho de comunhão com a cultura do corpo.” (Courtine, 1995, p. 85)

A ambição por status diferenciado e por não enxergarem limites para sua ascensão, acabou por ocasionar diversas situações onde os yuppies tornaram-se trabalhadores contumases, os conhecidos “*workaholics*”.

Suas adições que, em primeira instância, eram trabalho, produtos de última tecnologia e roupas de grifes famosas, passou a ter companhia da cocaína, que era conhecida como a droga da elite, uma droga capaz de ser utilizada tanto para fins sociais, como festas e/ou como poderoso estimulante para suportarem tamanha carga de trabalho.

Para Tom Head (2010), a cocaína em pó foi o champanhe das drogas e foi associado mais freqüentemente com yuppies brancos do que outras drogas que já estavam na imaginação do público, como, por exemplo, a heroína, mais relacionadas com o africano-americano e a maconha com os latinos.

A compulsividade por trabalhar e as pesadas responsabilidades que este profissional carregava era motivo para que procurassem meios para suportarem tamanha carga de trabalho sem perda de produtividade e, em cascata, perda de dinheiro, posição social e prestígio, fazendo com seu nível de vida pasasse de extraordinário para ordinário.

4.1.2 Metrossexuais

Neste momento, ao direcionarmos nosso foco de atenção para o metrosssexual, verificamos que se trata também, de um jovem urbano, de classe média-alta, que aparenta manter sua virilidade de forma tranqüila, apesar de muitas caracterizações e cuidados com o corpo até então inerentes ao universo feminino.

Segundo Garcia (2004), a noção de metrosssexual define-se por uma masculinidade narcísica, egocêntrica, vaidosa, urbana e saturada pela exploração na mídia. Diz que é um homem com H (maiúsculo), que geralmente vive em cidades grandes. Alguns não se assumem como tal, e se dizem simplesmente vaidosos, outros até disfarçam essa vaidade, temendo o preconceito por parte dos ditos “machões”. O homem contemporâneo percebe que não precisa ser desleixado para afirmar a masculinidade.

O conflito que, aparentemente, poderia causar em se tornar alguém com caracterizações de outro sexo, no tocante aos inúmeros cuidados corporais, acaba por ser algo que impulsiona tal comportamento, uma vez que, estes homens ficam atentos a tudo o que possa ser novidade e que tenha algum indício de benefícios aos seus corpos, tornando-os mais atraentes e satisfeitos consigo mesmos, ainda que por um tempo relativamente curto, já que o mercado da beleza é prodigo em se reinventar.

O metrosssexual explora seu corpo atlético como ferramenta de um discurso proeminente e sedutor, sendo assim, é um narcisista convicto, sem se preocupar com os olhares desconhecidos que invadem os mais recônditos espaços corporais delineados em longos tratamentos de beleza ou sessões de ginástica. (GARCIA, 2004). Daí:

“A questão se é homossexual, bissexual ou só tem relações com o sexo oposto não importa, porque o metrosssexual coloca-se como objeto do próprio desejo, pois, conforme já anunciado, é extremamente narcisista.”
(GARCIA, 2004, p. 9)

A homossexualidade torna-se frente de discussão para esclarecer antigos conceitos de ordem práticas que acabam por adentrar em lugares onde

eram redutos de um ou de outro sexo, realoca corpos, comportamentos e idéias que estabelecem entre-lugares. Desta maneira:

“... portanto, acredita-se na falência dos papéis identitários, sexuais e sociais como um motor regular da diversidade cultural e sexual, sobretudo no sincretismo globalizado pela misturas étnicas e multiculturais. Portanto, a metrossexualidade ocorre nas meta-narrativas híbridas de constantes interrupções e (re)agrupamentos.” (GARCIA, 2004, p. 10)

O metrossexual se torna um ícone de masculinidade sensível e que não se importa em assumir este lado feminino, caracterizado pela sensibilidade e vaidade, sem que isso afete sua sexualidade. Na prática, este metrossexual não se preocupa com sua identidade, suas preocupações são focadas em sua aparência, em sua imagem.

O corpo do metrossexual pode se caracterizar pelo volume muscular não exagerado, aquele corpo considerado de “modelos de passarela”, onde a definição muscular é aparente, mas sem o grande volume inerente aos fisiculturistas, apesar de ambos dispensarem, senão o mesmo grau de atenção com este aspecto, diferenças sutis.

Pode-se dizer que, sob a moral da “boa forma” um corpo trabalhado, cuidado, sem marcas indesejáveis e sem excessos, é o único que mesmo sem roupa está decentemente vestido, como ilustra Courtine (1995), ao tratar do desvelamento do corpo masculino nos Estados Unidos do final do séc. XIX, citando que um corpo de homem, se é musculoso, não está jamais verdadeiramente nu.

Continuamos a nos atentar sobre os apontamentos que os autores citados acima fazem sobre as políticas da beleza e da boa forma física, no tocante a estes fatores não serem mais percebidos e valorizados como algo dado, advindos da “obra da Natureza ou do Divino” e sim como algo a ser construído e a serem concebidos como resultado de um trabalho sobre si mesmo, fazendo pesar sobre os indivíduos a responsabilidade por sua aparência física. E:

“... neste processo de responsabilização do indivíduo pelo seu corpo, a partir do princípio de autoconstrução, a mídia e, especialmente, a publicidade tem papel fundamental. O corpo virou “o mais belo objeto de consumo” e a publicidade, que antes só chamava a atenção para um produto exaltando suas vantagens, hoje em dia, serve principalmente, para produzir o consumo como estilo de vida, procriando um produto próprio: o consumidor, perpetuamente intranquilo e insatisfeito com sua aparência. Com isso, saem ganhando, entre outros, os mercados dos cosméticos, das cirurgias estéticas e da malhação.” (GOLDENBERG; RAMOS, 2002, p. 32)

Portanto, estes “novos” homens submetem-se a tratamentos estéticos e cirurgias plásticas para poderem investir neste novo corpo, um corpo sempre jovem e atento a toda e qualquer novidade, que encontra na mídia um veículo de divulgação destes ideais bastante eficiente.

Garcia (2004) ilustra que, esse impermeável, para não dizer “impecável”, homem contemporâneo tenta segurar o tempo nas mãos para conservar-se permanentemente pleno de atrativos sedutores ao tentar garantir a beleza da juventude. Ao enrijecer os músculos, também, faz um rígido regime de alerta e perseguição de rugas, gorduras. Torna-se, portanto, escravo do bom gosto na recompensa de tentar preencher seu próprio desejo. O metrossexual prega a satisfação de (re)abilitar-se “novo”.

A perseguição pela menor quantidade de gordura corporal, para que a musculatura torne-se mais aparente e, para que este fato demonstre domínio sobre fatores considerados como falta de atenção com o corpo e/ou desleixo, os metrossexuais, fazendo alusão ao que Mattos (2007) relata quando cita que criam modelos ideais de sujeitos baseados na performance física e estabelecem-se novos parâmetros de mérito e reconhecimento, novos valores com base em regras higiênicas e regimes de ocupação de tempo.

As ações individuais são dirigidas para a obtenção da melhor forma física, mais longevidade e prolongamento da juventude. O resultado é a constituição de um indivíduo responsável que orienta suas escolhas, comportamentos e estilos de vida para a procura da saúde e do corpo perfeito, isto é, magro, “sarado”, jovem e sem “marcas de idade” em seus rostos.

Chegar ao ponto de considerar submeter-se a intervenções cirúrgicas já não é um problema para o metrossexual, deixando claro que, este recurso, de

extremo, passou a ser algo freqüente, e é a primeira opção quando não se obtém resultados satisfatórios com produtos de beleza, com atividades físicas ou não tem tempo ou vontade de submeter-se a rotinas diárias de ginástica ou musculação, como relata Glória Kalil em seu livro *Chic – Homem – Manual de Moda e Estilo*, publicado em 1998, onde a autora diz que:

“... se as bolsas debaixo dos seus olhos estão atormentando sua existência, se suas pálpebras estão caindo, deixando sua cara desesperadamente triste, ou se você tem vontade de esconder o queixo toda vez que alguém aparece com uma maquina fotográfica – não descarte a idéia de uma cirurgia. Ela resolve esses assuntos de forma radical. O que você tem que fazer é informar-se sobre tudo o que vai acontecer antes, durante e depois. Ai você resolve.” (KALIL, 1998, p. 80)

Segundo a mesma autora, houve um aumento na procura destes procedimentos cirúrgicos nos últimos 15 anos, passando de uma média de 5% para 17%, e as cirurgias mais adotadas pelos homens foram as cirurgias de pálpebras, transplante de cabelos, lipoaspiração (para retirar a gordura na cintura, diminuir a barriga; retirada do queixo duplo, isto é papada sob o queixo), rinoplastia e lifting, para levantar a pele e reposicionar a musculatura do rosto e pescoço).

Pode-se notar que a procura por um corpo mais belo, jovem e harmonioso, não fica restrito somente aos anúncios de produtos e técnicas para estes fins, o mercado de trabalho faz com que o homem procure tais procedimentos para que possa obter um maior grau de credibilidade e ascensão profissional, pois como já citado acima, o governo sobre seu próprio corpo demonstra disciplina e comprometimento, fatores bem valorizados pelo mercado de trabalho.

Exemplos disso são reportagens que indicam mudanças de padrões corporais e estéticos desse novo homem preocupado com sua “ascensão corporal” e social, tais como ilustram as reportagens intituladas “Agora elas querem homens de rostos delicados” veiculada em abril de 2010, pela revista *Isto É* e em outra reportagem, da mesma revista, que se intitula: “Lipoaspiração para fazer mais negócios”, de setembro de 2010.

O homem em questão passa a ser escravo de si mesmo quando estes fatores tornam-se cada vez mais presentes e valorizados em seu meio social, e a falta de beleza ou atrativos físicos passam a ser considerados falha de caráter e/ou perda de personalidade e conseqüente desprestígio social e/ou profissional, que é o que se pode identificar quando levamos algumas considerações feitas por pessoas responsáveis em selecionar postulantes a uma vaga de emprego em empresas de grande porte, pois:

“... um estudo feito pela Catho, empresa de recursos humanos, com seis mil gestores de empresas brasileiras mostrou que 68,6% dos presidentes e diretores e 59,3% dos gerentes e supervisores têm reservas quanto à contratação de quem está acima do peso. A intolerância se manifesta com rigor semelhante no alto escalão das empresas. A justificativa é a de que quem está gordinho está mais sujeito a doenças da obesidade, como hipertensão e diabetes. Mas sabe-se que a questão da estética pesa principalmente nas posições de chefia. “Quem ocupa cargos importantes sabe que terá de aparecer em uma entrevista ou uma apresentação e, quando isso acontecer, quer estar com tudo em cima”. (LOES, 2010, p.101)

Por esta breve análise de uma genealogia dos corpos, ao longo de um período que compreende os anos 80 do século XX até os dias atuais, em que passamos de um corpo obcecado por se mostrar através da tecnologia incorporada ao seu dia-a-dia como demonstrativo de proeminência social, como no caso dos yuppies, passamos pelos metrossexuais e toda sua gama de aparatos para a construção de um corpo belo com caracterizações tanto de ordem masculina quanto de ordem feminina, fazendo com que houvesse uma mistura de caracterizações no tocante aos cuidados com o corpo, incorporando em seu cotidiano rotinas de embelezamento, até então somente pensadas para o público feminino.

Nota-se que em ambas as caracterizações as tecnologias de construção e valorização corporal se fazem presentes de maneira incisiva, sendo aperfeiçoadas ou descartadas cada uma em seu tempo, mas nunca ignoradas. Claro fica que não é sem razão o paralelo traçado entre as duas primeiras caracterizações e a vigorexia, com seus corpos em premente destaque. Tais tecnologias das construções corporais se mostram em sua mais atualizada

versão, pois incorporaram toda uma sorte de aparatos e técnicas de (re)construção corporal, sempre tomando como base as fases anteriores, mesmo que estes fatos, em sua maior parte, passem despercebidos por seus atuais atores sociais.

4.2 Formação da imagem corporal negativa

Salaberria *et. al.* (2007) destaca que na formação da imagem corporal existem duas variáveis de extrema relevância: a importância da imagem corporal para a autoestima e a satisfação ou insatisfação com a mesma; visto que, para a formação da imagem corporal negativa fatores tanto de ordem histórica ou de predisposição e fatores de manutenção tomam lugar principal de atenção.

Os fatores de predisposição compõem variáveis de ordem sociais e culturais, modelos familiares e de amigos, características pessoais, desenvolvimento físico e *feedback* social, dentre outros (obesidade infantil, acidentes traumáticos, doenças, abuso sexual, experiências dolorosas com o corpo, haver fracassado em algum esporte de seu agrado, etc.)

Em suas análises sobre os fatores descritos acima, Salaberria *et. al.* (2007), explicam que as variáveis de ordem social e cultural vigentes neste início de século XXI, são aquelas que propõem um ideal estético relacionando-o com a autoestima, com a atratividade e a competência pessoal, como por exemplo, a relação de que ser belo é ser bom e possuir melhor aceitação social; a estigmatização da gordura como algo indesejável e socialmente reprovável; a valorização do ser magro e/ou ser forte.

Assinala também, que a pressão cultural sobre a mulher para que ela seja magra e do homem para que seja forte, são considerados fatores de predisposição para que se tenha uma imagem corporal negativa.

Os modelos familiares e de amigos podem desenvolver alterações da imagem corporal à medida que o excesso de preocupações corporais, por parte dos pais e familiares, produzem insatisfações devido a inúmeras verbalizações sobre estes aspectos, fazendo com que a criança ou jovem

interiorize e valorize estes conceitos, e ser criticado ou sofrer constrangimentos por parte de um grupo de iguais, potencializa sua vulnerabilidade.

As características pessoais como a baixa autoestima, insegurança, dificuldades em obter êxito em sua autonomia e sentimentos de ineficácia, podem fazer com que estas pessoas tentem compensar em seu corpo toda esta frustração social.

Mudanças ocorridas na puberdade, o desenvolvimento corporal precoce ou tardio com toda sua gama de alterações, o índice de massa corporal ou seu peso bem como as características do corpo, exercem grande influência e são aspectos de vulnerabilidade para o desenvolvimento da imagem corporal negativa.

A exposição do corpo, o controle social, as comparações sociais, o pedido de mudanças corporais de alguém próximo, são situações que ativam o esquema de imagem corporal do tipo negativo, produzindo mal estar e conduzindo a evitação social, rituais de comprovação ativam pensamentos e auto-avaliações negativas.

As emoções, preocupações e pensamentos provocados por estas situações, são considerados fatores de manutenção deste transtorno de imagem corporal.

Para a avaliação da imagem corporal, Rosen *et. al.* (1991) cita que nas décadas de 1970 e 1980 os estudos se centravam apenas nos aspectos perceptivos da imagem corporal, ao passo que, já na década de 1990, as avaliações centravam-se em aspectos subjetivos e atitudinais, uma vez que, para uma correta percepção corporal, não se deve supor a inexistência da insatisfação com ele mesmo.

Para isso, o mesmo autor relata que, para se avaliar a imagem corporal, devem-se incluir as seguintes áreas:

- Percepção e estimativa do tamanho e forma do corpo;
- Aspectos cognitivos e emocionais, tais como crenças, valores, as preocupações e sua intensidade, frequência e duração, o mal-estar, o grau de convicção sobre a existência do defeito e o esforço que o paciente faz para controlar os pensamentos negativos;

- Aspectos condutais como a evitação, a camuflagem do defeito, rituais, buscas de informações tranquilizadoras, etc.;
- Outros problemas psicológicos como depressão, transtornos alimentares, ansiedade, disfunções sexuais, etc.;
- Dimensões da personalidade: autoestima, habilidades sociais, níveis de adaptação global.

4.3 Vigorexia

Neste trabalho, tem especial destaque o que, inicialmente, deu-se o nome de “anorexia reversa”, através das pesquisas do médico psiquiatra Harrison Pope Jr., em 1993, para posteriormente, com os autores Harrison Pope Jr., Katharine Phillips e Roberto Olivardia, no ano 2000, ter a denominação de “Complexo de Adônis” ou Vigorexia.

Esta é uma psicopatologia caracterizada pela distorção da imagem corporal, ou seja, uma desordem emocional que se caracteriza por produzir desordem em sua percepção somática, fazendo com que os afetados por este distúrbio se percebam fracos, pequenos, sem qualquer atrativo físico, dentre outras características, não importando o quão musculosos estejam.

Os acometidos por este distúrbio, geralmente, mas não exclusivamente, são homens, com idades variando entre 18 e 35 anos, e primam por realizarem práticas esportivas – especialmente musculação – de forma intensiva e contínua, com o intuito de aumentar a massa muscular e obter o máximo de definição muscular, sem se importarem com as prováveis consequências advindas de tal rotina.

Disciplinar-se a ponto de realizar treinamentos em domingos e feriados, sacrificar a vida social, relacionamentos, emprego, e ter a percepção de que, se não realizar os treinamentos, seu corpo “perdeu massa muscular”, dentre outras, são características de vigorexia, conforme detectaram Pope, Phillips e Olivardia (2000).

Outro aspecto de especial atenção é o de que estes indivíduos utilizam-se de hábitos alimentares extremamente rigorosos e restritivos, associados à

ingestão de perigosos suplementos alimentares e complexos vitamínicos, bem como esteróides anabólicos, sem a menor orientação profissional adequada.

O que podemos detectar é o fato de que as informações acerca de onde comprar, como utilizar suplementos e/ou esteróides, rotinas de treinamentos, etc., são (re)passadas por aquelas pessoas que se tornam referência, ou melhor, que possuem o corpo ideal aos olhos do outro, nunca dele próprio.

Os autores citados acima ainda listam uma série de situações onde se podem perceber sinais de vigorexia de forma bastante clara, uma vez que, os acometidos por este distúrbio responderão positivamente a pelo menos quatro ou cinco destas situações.

São elas:

1. Preocupação freqüente de que seu corpo não seja suficientemente magro e musculoso
2. Perda de oportunidades sociais que teria usufruído em outras circunstâncias, especialmente por ter que malhar na academia
3. Ter que malhar interferiu em seu emprego
4. Fazer dietas especiais com alto teor de proteínas e baixo teor de gordura, ou tem utilizado grandes quantidades de proteínas ou outros suplementos alimentares com o intuito de aumentar a musculatura
5. Gastar muito dinheiro em alimentos especiais ou suplementos dietéticos (proteína em pó, aminoácidos, creatina, etc) para aumentar a musculatura
6. Recusar convites para ir a restaurantes ou situações que envolvam comida, por causa de exigências dietéticas especiais
7. Evitar situações onde possam ver seu corpo, - piscina, praia, vestiários - por não se achar suficientemente musculoso
8. Utilizar roupas pesadas para cobrir seu corpo por não se achar suficientemente musculoso
9. Utilizar, às vezes, várias camadas de roupas para fazê-lo parecer maior
10. Escolher deliberadamente roupas que o fazem parecer mais musculoso

11. Medir-se freqüentemente, como por exemplo, bíceps, tórax, cintura, etc.
12. Malhar em situações de restrição médica ou lesionado, por receio de parar e perder massa muscular
13. Ingerir drogas para tornar-se mais musculoso, tais como esteróides anabólicos
14. Comparar sua musculatura com a de outros homens de seu convívio social, por pensar que estes são maiores que você
15. Ao ver um homem claramente mais musculoso que você, pensa nisso ou fica com inveja durante algum tempo depois.

(Adaptado de POPE; PHILIPS; OLIVARDIA, 2000, p. 117)

Torna-se impossível tentar explicar a vigorexia e seu desenvolvimento através de causa única, tal transtorno tem sua explicação na relação existente entre diversos fatores patológicos, as características do sujeito e o entorno onde estabelecem essas relações, pois,

“... atualmente, a tendência é considerar esse tipo de transtorno como fenômenos heterogêneos e multidimensionais, surgidos das interações de diferentes fatores psicológicos, familiares, socioculturais e biológicos” (PEYRÓ, 2006, p.352)

Peyró (2006) cita ainda que no final do Século XX, acontece a consolidação do prestígio da juventude e da sua imagem, tendo como seus estandartes a beleza, o atrativo físico e o culto ao corpo.

Tais atributos encontram, segundo o mesmo autor, um meio de comunicação que os suporta de maneira bastante sólida através da propaganda e suas mídias de alcance social nas mais variadas frentes, atingindo um público cada vez mais jovem, criando assim, um ambiente propício para a divulgação de ideais corporais e estabelecimento de condutas.

O que é aprendido passa a ser transferido através de modelos sociais prontamente mostrados e, depois de interiorizados, geram percepções e condutas reais que passam a reger tanto homens quanto mulheres, adotando-as como sendo lógicas e naturais.

A conceituação de corpo está estreitamente relacionada no que tange definições tanto de caráter físico quanto psicológicos, sob as mais diversas abordagens, constituindo-se de hábitos impressos em sua matéria, por códigos, símbolos e linguagens culturais que educam tais corpos ao longo da vida.

Ao voltarmos nossas atenções para o fato de que cada vez mais somos abordados de forma agressiva por modelos de beleza ideais e atributos físicos tidos como sendo desejáveis e imprescindíveis para a obtenção de sucesso, não nos causa estranheza o surgimento de distúrbios relacionados com ingestão de substâncias destinadas a este fim, e os distúrbios relacionados com a imagem corporal, visto que os padrões estéticos estão cada vez mais rígidos e alcançáveis somente por alguns poucos escolhidos, em situações que nem sempre são esclarecidas, causando sempre a dúvida de como podemos obter um corpo desejável e perfeito sem utilizar de recursos extremos ou desenvolver algum tipo de patologia.

De acordo com Becker (1999) e Tavares (2003), as pessoas aprendem a avaliar seus corpos através da interação com o ambiente, assim sua auto-imagem é desenvolvida e reavaliada continuamente durante toda a vida, mas as necessidades de ordem sociais ofuscam as necessidades individuais, sendo pressionados em numerosas circunstâncias, a concretizar em nossos corpos, o corpo ideal de nossa cultura.

A vigorexia, segundo os autores do livro “O complexo de Adônis” vem afetando em grande escala a população do sexo masculino graças à extrema exposição do que estes chamam de “supermachos”. Exposições que não se limitam mais somente às academias de ginástica ou materiais exclusivos para a divulgação de algo que só compete ao mundo do fisiculturismo ou afins, o apelo ao corpo ideal e musculoso vem sendo divulgado de maneira ostensiva em todo segmento social e encontra na lógica de mercado um nicho bastante promissor para a divulgação de seus ideais.

Os jovens estão, ao longo de seu crescimento, expostos por milhares de imagens desses “supermachos” e estas imagens vinculam-se ao sucesso em suas mais variadas formas, que vão desde o sucesso social, passam pelo financeiro, sexual e segue em diante.

Um dos grandes problemas apontados pelos autores Pope; Phillips e Olivardia (2000) é o fato de a sociedade e a mídia pregarem uma perturbadora mensagem dupla de que a auto-estima de um homem deve basear-se principalmente em sua aparência, embora pelos padrões das imagens dos supermachos modernos, praticamente nenhum homem consiga atingi-la, tornando-se compreensível que milhões de homens modernos se sintam infelizes com o que vêem no espelho.

Para Michael Kimell (1998) citado por Sabino (2002), não existe apenas um tipo de masculinidade, mas várias, subordinadas à representação do que é ser homem bem sucedido (e, portanto, de fato) em nossas sociedades: forte, competitivo, destacado, bem situado economicamente, resistente à dor física e emocional, viril e que jamais foge dos desafios. Aqueles homens que não se enquadram nesses parâmetros fariam parte de masculinidades secundárias, periféricas e subordinadas. Não seriam, assim, nesse conjunto de representações e práticas sociais, considerados homens plenos.

Tais atributos descritos acima nos traçam um panorama bastante complexo quando voltamos nossas atenções para a construção do corpo idealizado, pois para que se obtenha tal corpo são necessárias intervenções sobre ele que beiram ao fanatismo, tendo como “religião” a boa forma física, em que pese o fato desta boa forma não ser conseguida sem o auxílio de “algo mais”, ou seja, o consumo de suplementos alimentares destinados ao aumento de massa muscular, substâncias desenvolvidas com a finalidade de perda da gordura corporal e o recurso mais extremo, os anabolizantes, que Sabino (2002) considera como:

“... um rito que consagra a diferença, instituindo-a. Esse rito ressalta a linha de passagem de um *status* – o de indivíduo comum – para a condição de aspirante a outra posição superior. O que deve ser frisado é que a hierarquia de papéis nas academias de musculação se inscreve no corpo por meio da forma que este gradativamente adota, isto é, mudança física fabricada significa mudança de *status*, pois esta traduz a aquisição de capital de competência – onde comprar drogas, com quem, quais os efeitos de cada uma, para qual objetivo cada uma delas presta -, além de capital corporal.” (SABINO, 2002, p.158)

Descobriu-se um universo bastante grande e rentável, através das preocupações corporais que os homens hoje em dia demonstram, dado o grande número de produtos voltados a este fim; o que de fato nos chama a atenção não é somente o que estes produtos que são vendidos são capazes ou não de fazer, e sim a maneira como estão sendo veiculados estes produtos, a forma como são tratados os homens que se submetem aos encantamentos e imagens corporais que se relacionam com os tais produtos

O corpo é hoje algo vendável, uma demonstração de que podemos ter um corpo desejável e bem sucedido quanto mais esbeltos e musculosos formos, a espelho dos modelos midiáticos tão difundidos, trazendo consigo toda uma sorte de atratividade física e ascensão social embutidas na veiculação destes corpos bem sucedidos.

Dado a falta de estudos referentes ao assunto proposto, a vigorexia e as influências midiáticas, em especial destaque a internet com suas múltiplas facetas, faz-se necessário desenvolver um estudo que se aproxime de maneira clara e coerente destes tópicos e seus desdobramentos.

Nota-se pelos inúmeros estudos e abordagens sobre o tema corpo, Novaes e Vilhena (2003); Almeida *et. al.* (2005); Andrade e Bossi (2003); Knijnik e Simões (2000), entre outros, que o corpo feminino tem, e sempre terá grande interesse de estudo e temas inesgotáveis, nas mais variadas frentes, o que pensamos ser de grande valia e relevância.

O que não podemos, e não deveríamos deixar em segundo plano, ou em um plano menor de relevância é o fato de o homem estar sendo cada vez mais acometido por situações de gravidade semelhante às que acometem as mulheres, e estes não serem tratados com igual atenção e rigor de pesquisa.

Como citam os autores Assunção (2002); Zamora *et. al.* (2005) , assim como a Ortorexia, quadro no qual o indivíduo se preocupa excessivamente com a pureza dos alimentos consumidos, a Vigorexia ainda não foi reconhecida como doença, e este ainda é um quadro não validado nem presente nos manuais diagnósticos em psiquiatria (CID-10 e DSM-IV), o que acaba por acentuar de maneira bastante incisiva a falta de cuidados com este tipo de distúrbio de imagem.

Dentro de um quadro socialmente aceito, onde o primado do corpo atlético, com musculatura aparente encontra apoio e se vende através de uma

mídia voraz por novos modismos, não nos causa estranheza o surgimento de patologias ou psicopatologias relacionadas com este contexto, haja vista matérias sobre como gerenciar e doutrinar os corpos para que se possa obter corpos perfeitos em revistas de grande circulação, tais como *Veja*, *Isto É*, *Boa Forma*, entre outras e diversos programas televisivos voltados para este fim.

Peyró (2006) destaca que o corpo é um envoltório onde cada um mostra a imagem que tem de si próprio, sendo que, a elaboração da imagem corporal pode-se caracterizar em três níveis: social, interpessoal e individual.

Sendo que:

“... o primeiro está configurado pelos meios de comunicação social, já que estes jogam com um papel preponderante, lançando e impondo de forma contínua um ideal estético, através da utilização de personagens e modelos que respondem às expectativas de um cânone de beleza corporal determinado,... o nível interpessoal recorre à sensibilidade dos elogios ou críticas dos demais sobre o corpo, influenciando na imagem corporal que se possui e, no nível individual, encontramos a auto-estima, valoração que se faz do próprio atrativo físico e que influi em como se mantém as interações com os outros; nos graus de auto-estima também dependerá o grau de evitação social,... e a insatisfação com o próprio corpo influirá na relação que possam produzir com o grupo.” (PEYRÒ, 2006, p.315)

Dentro das sociedades pós-modernas, o processo social de construção da identidade está vinculado diretamente aos valores da cultura de consumo que predominam na atualidade. No processo de personalização do indivíduo, se impõe uma sociedade baseada na autonomia e na realização pessoal imediata, a qual permite a expansão da sociedade de consumo face ao âmbito privado, fazendo com que este passe a formar parte da circulação de mercadorias em objetos de consumo.

O corpo e nossa própria imagem ocupam lugar central no processo de mediação da experiência humana, convertendo-se em um meio e em valores cujas forças são objetos de culto, em bens de uso e consumo e, sobre eles, recaem expressões simbólicas e figurativas de perfeição e felicidade.

Ao considerarmos o corpo como mercadoria, admite-se que em seu entorno circulam uma série de elementos relacionados a dimensões culturais

da economia, da simbolização e do emprego do corpo não somente como um bem utilitário, mas também como um bem comunicativo.

A formação da nossa identidade pessoal e social passa pelo corpo e o “ego”, segundo Peyró (2006), se manifesta através do corporal. Todas as vivências, experiências, sensações e percepções, recebemos através do corpo, e em uma sociedade onde o desfrutar, o prazer e o presente são eleitos valores ideais, tais caracterizações são alcançadas através da nossa realidade corpórea, pois:

“... o culto ao próprio corpo se vive com o cuidado e a manutenção da matéria que se faz o eu e o tempo. Seu corpo é o componente material e é com ele que se relaciona com os outros. Tens que cuidá-lo porque os demais o necessitam e o desejam.” (PEYRÒ, 2006, p.316)

Segundo os autores Peyró (2006); Pope; Philips e Olivardia (2000), existe uma relação bastante íntima entre satisfação corporal e autoestima, estável e marcada, independentemente do tipo de avaliação que se faça destes conceitos, a idade dos sujeitos e as experiências corporais existentes.

A maneira como se percebe o corpo mais ou menos favorável ocupa papel central nos processos mais amplos que encampam sua própria experiência corporal e sua avaliação.

Os efeitos psicológicos positivos de melhorar a aparência contribuem também para melhorar a autoestima, como podemos perceber em um dos relatos das pesquisas feitas pelos autores Pope; Philips e Olivardia (2000), em que o entrevistado cita que:

“... era sempre menor do que os outros garotos do ponto de vista atlético... quando estava na escola primária, eles podiam pegar uma bola melhor do que eu, atirá-la com mais precisão do que eu e brigavam melhor do que eu. Nunca me senti muito bem a meu respeito. Quando comecei a levantar pesos na escola secundária, isso abriu um novo mundo para mim. Quando vi que estava ficando maior, minha autoconfiança subiu incrivelmente.” (POPE; PHILIPS; OLIVARDIA, 2000, p. 224)

Burkitt (1999) citado por Peyró (2006) faz alusão ao fato citado acima relatando que a manifestação do que um indivíduo é, e/ou do que quer ser,

pauta-se principalmente através do corpo, um modelo coerente e integrado de sua identidade pessoal que se constrói em um contexto relacional e aberto.

A imagem corporal, e nossa própria imagem, são resultantes do sentido que a concedemos em nossa existência e a maneira em que a cultura mediatiza nossas experiências, sendo que a realidade corporal se converteu em símbolo expressivo do posicionamento social do indivíduo, portanto, o valor social que adquire o corpo, implica em ser um meio de realização e desenvolvimento pessoal, com o objetivo de alcançar um ideal imaginário.

Mattos (2007), citando Goldenberg (2006) e Vinsonneau (2002) ilustra que o corpo invejado, desejado e admirado pelas pessoas é um corpo “trabalhado”, “malhado”, “sarado”, “definido”, um corpo cultivado, que, sob a moral da “boa forma”, surge como marca indicativa de certa virtude superior daquele que o possui. A beleza, portanto, adquire um valor, não apenas social, mas também moral.

Desta maneira, um corpo coberto de signos distintivos torna-se um capital. O corpo é então uma produção social, e isso fica claro ao observarmos que as sociedades são compostas por códigos culturais distintos que prescrevem diferentes tratamentos e usos dos corpos. Uso esse, que hoje se concentra numa vida centrada na aparência física.

O século XXI é tido como o século das imagens e podemos notar o fato destas estarem colocando-se em lugar privilegiado nos meios de comunicação, e estas imagens serem determinantes de comportamentos e atitudes que hoje encontramos no dia-a-dia.

Milhares de pessoas colocam-se em posição de autores de suas próprias imagens, veiculando-as para as mais diversas finalidades, nos mais diversos meios de comunicação e, neste contexto, com os avanços tecnológicos, os vídeos se tornaram cada vez mais populares, pois qualquer indivíduo agora poderá criar e disponibilizar seu material através de servidores como Google Vídeos, Yahoo Vídeos, YouTube, etc. (Lisbôa; Bottentuit Jr.; Coutinho; 2009)

Pesquisa feita pela autora Susan Nanfeldt (1996), relata que 55% da primeira impressão que as pessoas têm de você é baseada em sua aparência e ações, 38% em seu tom de voz e 7% no que você diz. A autora relata também que a imagem visual que você transmite nos primeiros dez segundos a

uma pessoa que o vê pela primeira vez é o suficiente para que ela tire todas as impressões sobre você baseada em sua aparência pessoal.

Isso nos ilustra como a aparência e sua apresentação diante dos demais ocupam lugar central na mediação de experiências relativas aos meios de divulgação destas imagens, haja vista o (des)prestígio que a má utilização de uma imagem pode vir a causar, quer seja por sua má qualidade, pelo não tratamento adequado desta à situação proposta ou pelo simples fato desta imagem que está sendo veiculada não atender aos padrões estéticos vigentes naquele dado momento.

Para isso, nos atentamos para o que Peyrò (2006), ao analisar a veiculação das imagens publicitárias e suas influências sociais, feitas através da pesquisa de Casseti e Di Chio em 1999, sobre a imagem televisiva, relata que suas significações são justaposições de três níveis: um nível denotativo, que indica a capacidade de um signo remeter a sua referência imediata; um nível conotativo, que indica a capacidade de um signo remeter a uma dimensão cultural e afetiva, e, às vezes, fazê-la parecer como sendo algo “natural”; e um nível ideológico, que indica a capacidade do signo reproduzir, no plano do discurso, as diferenças sociais.

Exemplos disso são os estudos de Pérez Ruiz (1985) e Baca Lagos (1994), citados por Peyrò (2006), em que estes comparam características físicas de pessoas que aparecem em programas de televisão e pessoas que atuam em anúncios publicitários, e suas pesquisas são justificadas pela relevância do tema em função do papel social que desempenham os meios de comunicação em massa (televisão) e seus formatos (publicidade), por refletirem em seus conteúdos características das sociedades as quais estão inseridas.

Posto em destaque o quadro acima, vemos que aspectos favoráveis ao surgimento de insatisfações corporais são recorrentes, uma vez que os modelos corporais em destaque, pelas mais variadas mídias, são detentores de qualidades físicas ideais para quaisquer corpos.

O confronto entre o meu corpo e seu ideal é fruto de constantes tensões e terreno fértil para o desenvolvimento de patologias relacionadas à imagem corporal, tais como a vigorexia, como nos ilustram Saveriano et al. (2010), quando citam que:

“... a promessa de felicidade para aqueles que “se esforçam” também está fortemente referendada por corpos de modelos midiáticos apresentados via novas tecnologias, dos quais as “celebridades” parecem ser a encarnação mais fidedigna. Apesar de ser sabido que sempre existiram mulheres de beleza exemplar, de Cleópatra à Gisele Bündchen, e ícones da musculação como Arnold Schwarzenegger, a influência da mídia sobre os corpos tem-se intensificado sobremaneira nos últimos anos, e isso se deve, em parte, aos novos recursos tecnológicos da informática. Com o uso massivo da tecnologia, as personalidades que servem de modelo a esses jovens aparentam, em vídeo e foto, uma silhueta cadavez mais bem definida e distante da real”.(SAVERIANO; RÊGO; MONTEFUSCO; 2010, p.158)

4.4 Redes Sociais Virtuais

Primeiramente, quando se trata de análise de algo já bem fundamentado em nossa sociedade, como no caso em questão, as redes sociais, se fazem necessários posicionamentos e pontuações, mesmo que iniciais, de alguns de seus fatores históricos relevantes, bem como sua genealogia.

Com a incorporação da tecnologia informacional e de comunicação bem como seus desdobramentos no cotidiano das pessoas, ocorre o fenômeno da cibercultura, adquirindo status de objeto de análise e alvo de projeções de teóricos das mais variadas áreas, dentre elas a sociologia, antropologia, psicologia, etc.

Recuero (2004), ao citar diversos autores que versam sobre o tema redes sociais, dentre eles estão Watts (2003); Degenne e Forsé (1999); Wellman (1998, 2001, 2003); Garton *et. al.* (1997); revela que estas redes partem de duas grandes visões do objeto de estudo: as redes inteiras (*whole networks*) e redes personalizadas (*personal networks*), sendo que o primeiro aspecto é focado na relação estrutural da rede com o grupo social.

De acordo com esta visão, as redes pessoais são assinaturas de identidade social, o padrão de relações entre os indivíduos está mapeando as

preferências e as características de alguém. Já o segundo foco, estaria centrado no papel social do indivíduo, podendo este ser compreendido não apenas através dos grupos ou redes aos quais pertence, mas através das posições que ocupa nas redes. Acrescentando, Recuero (2004) ainda cita que a diferença entre os dois focos é o *corpus* de análise escolhida pelo pesquisador: a rede inteira foca em um grupo determinado e a rede personalizada, um indivíduo.

Ainda ao tratarmos da análise das redes sociais, Garton *et al.* (1997) cita que este tipo de análise está centrada nos padrões de relações entre as pessoas, refletindo uma mudança do individualismo comum nas ciências sociais para a busca de uma análise estrutural.

Recuero (2004) demonstra que:

“... para ir além dos atributos individuais e considerar as relações entre os atores sociais, a análise das redes sociais busca focar-se em novas "unidades de análise" tais como: relações (caracterizadas por conteúdo, direção e força), laços sociais (que conectam pares de atores através de uma ou mais relações), multiplicidade (quanto mais relações um laço social possui, maior a sua multiplicidade) e composição do laço social (derivada dos atributos individuais dos atores envolvidos). O estudo de redes sociais procura também levar para a sociedade os elementos principais estudados em uma rede, tais como densidade da rede e *clusterização*, [...] que são grupos de nós muito conectados. Em termos de redes sociais, os clusters são considerados grupos sociais coesos. Eles são unidos a outros grupos através de laços individuais de seus membros. (RECUERO, 2004, p.3)

As redes sociais em questão serão tomadas como base de análise no tocante às definições de alguns autores citados por Aguiar (2007), entre eles, Barnes, 1972; Rogers e Kincaid, 1981; Scott, 1992; em que estes utilizam os termos malha, trama, árvore e teia para descrever o fluxo de informações e padrões de conexão entre os nós, até chegar à definição que mais se aproxima das relações sociais em rede, analisadas neste trabalho, que é a definição que Deleuze e Guatari (1996), citados por Aguiar (2007) que classifica as redes sociais como rizomas.

Com efeito,

“... Rizoma é a metáfora que tenta dar conta de uma multiplicidade de relações assimétricas de comunicação, desencadeadas em vários pontos simultaneamente, e de fluxos acentrados e não-regulares de informação (no tempo e no espaço), nos quais não é possível identificar um ponto “gerador” único. Um rizoma caracteriza-se pela multidirecionalidade: o fluxo de informações pode partir de qualquer ponto, ou de vários, e qualquer pessoa pode enviar mensagens para quem quiser, ou para todos, simultaneamente; os papéis de emissor e receptor são intercambiáveis; e a circulação de informação por toda a rede independe de uma instância central. Caracteriza-se também pela heterogeneidade dos seus nós e vínculos: relações e sentidos são estabelecidos de modos muito diversos, e o rompimento de um ponto qualquer das cadeias de comunicação não compromete o reconhecimento do todo; rupturas, “linhas de fuga” e mecanismos de auto-reorganização são próprios da sua dinâmica. Um rizoma é tipicamente a configuração das conexões interpessoais estabelecidas na vida cotidiana e via Internet. Ou seja, é a representação do padrão mais complexo de rede, de dinâmica imprevisível – ainda que com probabilidades analisáveis. (AGUIAR, 2007, p.2-3)

A autora ainda ilustra que estrutura e dinâmica devem ser indissociáveis na análise de redes sociais, e devem ter como base as propriedades dos vínculos estabelecidos entre os nós e os papéis que cada nó exerce em cada inter-relação, sendo que a dinâmica da rede corresponde ao processo de desenvolvimento de relações espaço-temporais estabelecido, podendo ser observadas nos seguintes aspectos: o padrão do fluxo de informação entre os nós; o ritmo das interconexões e do fluxo de informação, que pode ser contínuo ou descontínuo, regular (periódico), sazonal ou eventual; os graus de participação dos integrantes da rede (frequência com que se comunicam e a qualidade do que comunicam); e os efeitos dessa participação nos demais membros e no desenvolvimento da rede como um todo. (AGUIAR, 2007)

As redes sociais virtuais e seus laços são mais do que a simples conexões de pessoas através da rede de computadores, estes indivíduos estabelecem relações a fim de identificarem-se com aquilo que se propõe a fazer parte e apresentam-se de maneira a atrair olhares ou, ao menos, não destoarem dos seus “objetos de desejos”.

Goffmann (2004) indica que os indivíduos tendem a se apresentar sob uma luz favorável nas situações em que se envolvem, buscando sempre manter um relativo controle de sua expressividade, o que passa a ser decisivo na aceitação, identificação e valorizados destes indivíduos em suas comunidades virtuais.

Um dos maiores sites de relacionamentos da internet, que conseqüentemente, obteve grande sucesso no Brasil, foi o site Orkut, que Mocellin (2007) classifica como *social network* ou *community websites*, que é freqüentemente traduzido como redes sociais ou redes de relacionamentos.

Mocellin (2007) e Recuero (2004), citam que o Orkut foi criado por um doutor em Ciência da Computação da Universidade de Stanford (E.U.A), chamado Orkut Buyukkokten como uma ferramenta para ajudar os membros de sua equipe a manterem relacionamentos e criarem novas amizades, sendo que os usuários do site poderiam construir um perfil, incluindo idade, estilos musicais favoritos, filmes, opinião política, opção sexual, possuir um álbum de fotos, ter um *scrapbook* (livro de recados), enviar/receber mensagens, fazer parte e/ou criar comunidades temáticas onde são (ou não) promovidos debates, levantadas questões, trocadas informações e conhecer outras pessoas com interesses equivalentes.

Todos esses aspectos da criação de um perfil em um site de relacionamentos pessoais acabaram por gerar uma corrida por status de pertencimento e “acolhimento” em suas comunidades virtuais com a adição de “amigos” virtuais, quanto maior o número de “amigos”, mais popular se é, mesmo que essas pessoas nunca tenham se encontrado efetivamente.

A rede social que se forma em torno desses procedimentos de adição de “amigos” e das discussões que possa haver referentes aos mais variados tópicos de interesse em comum, são infinitos, dados a trama que se forma entre mim e os “meus amigos”, os “meus amigos” com os demais, dos “amigos dos meus amigos” entre si, etc., cada um com suas afinidades e escolhas pessoais, que são visíveis aos demais e passíveis de adição pelos demais membros da minha rede de contatos, se acharem que se identificam com as idéias expostas.

Aguiar (2007) relata que as facilidades de se criar uma identidade virtual nestes sites de relacionamentos, com a inserção de dados que não passam por

nenhum processo de validação, a não ser a inserção de um e-mail, possibilitam a montagem de diversas *personas* e o estabelecimento de vínculos interpessoais não obrigatoriamente baseados em relacionamentos pré-existentes, incluindo em sua “rede de amigos”, conhecidos eventuais ou “estranhos”, com a intenção de capitalizar o *status* e os atributos dos agregados a sua rede de amizade, tais como celebridades, homens/mulheres bonitas, profissionais respeitados, atletas famosos, etc.

Um dos aspectos importantes que pensamos valer a pena mencionar é o de que ao acessar o perfil de alguém, podemos observar, além de seus amigos, as comunidades virtuais às quais estes fazem parte, deixando claro que o indivíduo e sua identidade passam a ser definidos não somente pelo que diz de si, mas também por seus amigos e comunidades, e o modo como se relaciona com estes.

Meucci e Matuck (2005) citados por Mocellin (2007) indicam a importância da alteridade e da definição dada pelos outros na Internet. Segundo eles a definição, direta ou indireta, dado pelo outro é tão importante quanto o processo de autodefinição. É o relato do outro que legitima, deslegitima, ou acrescenta qualidades ao perfil do sujeito.

Rosen (2007); Mocellin (2007); Recuero (2004); Aguiar (2007) demonstram um aspecto interessante que ocorre nas redes sociais de relacionamentos virtuais, tais como Orkut, Myspace, Facebook, etc, que é a ocorrência das chamadas “Comunidades Estéticas” ou “Comunidades Narcisistas” cujos objetivos são o de garantir um status diferenciado aos participantes de tais comunidades, o que não significa que estes interajam entre si e promovam discussões e acréscimos significativos sobre os temas das comunidades. Assim:

“... as atuais redes sociais online são uma acumulação de vínculos majoritariamente fracos – ninguém que liste milhares de “amigos” no MySpace pensa nessas pessoas da mesma forma que pensa em seus parentes distantes, por exemplo. Certamente não é coincidência, então, que as atividades que os sites de redes sociais promovem são justamente aquelas que os vínculos fracos fomentam, como rumores, boatos, mexericos, busca de pessoas e a trilha dos efêmeros movimentos da cultura popular

[no sentido da cultura de massa] e das modas passageiras”. (ROSEN, 2007, p. 20)

Bauman (2003) citado por Mocellin (2007, p.8), sugere que “na modernidade líquida tem emergido um novo tipo de comunidade em substituição às comunidades de conteúdo ético, essas são chamadas por ele de comunidades estéticas”, sendo estas, voláteis, passageiras, destinadas a um ou alguns poucos aspectos, voltadas a interesses específicos, raramente se fundem em interesses de grupo, servindo somente para demonstrar interesse individual a respeito de algo.

“São comunidades flexíveis, para as identidades flexíveis do mundo moderno-líquido. São comunidades que não trazem consigo compromissos de longo prazo”. (MOCELLIN, 2007, p.8)

Rosen (2007) relata que em *websites* de redes sociais, nossos modernos auto-retratos são cuidadosamente manipulados, quer seja com retoques digitais para retirada de “imperfeições”, fundos musicais, lista de amigos, passatempos preferidos, depoimentos emocionados de amigos, etc.,

“... eles são interativos, convidando os observadores não meramente a olhar, mas também responder ao retrato da vida online, [...] é o eterno desejo humano de atenção que emerge como o tema dominante dessas vastas galerias virtuais. (ROSEN, 2007, p.15)

A exposição dos corpos construídos à base de muita musculação e todos os processos que perpassam o corpo vigorético, adquire um sentido duplo de atração e repulsa do que se quer mostrar e daquilo que é exibido.

Segundo Jeudy (2002, p.128), “... o corpo exibido se considera corpo estranho e estrangeiro enquanto só produz a aparência do duplo”, sendo que todos os sinais ostentatórios que os diferentes modos de exibição do corpo manifestam na vida cotidiana e urbana são tomados por signos identitários.

As redes sociais com seus desdobramentos acabam por fornecer aos seus agentes sociais um meio de aglutinação de ideais e idéias a serem expostos e divulgados por pessoas que consideram possuir qualidades e/ou características que os legitimam como pertencentes a esta comunidade.

Recuero (2004), ao citar diversos estudiosos sobre o tema (Watzlavick *et al.*, 2000; Wasserman e Faust, 1994; Breiger, 1974; Granovetter, 1973), traça um quadro onde os agentes sociais destas redes podem desenvolver laços sociais, ou seja, um composto de relações e interações sociais entre pares de atores.

A autora ainda relata que a conceituação de laço social passa por uma idéia de interação social, que pode se constituir em um laço relacional associativo, ou seja, uma conexão entre um indivíduo e uma instituição ou grupo, representada pelo sentimento de pertencimento. Os laços sociais podem se estabelecer de maneira mais intensa ou não, gerando o que se pode denominar laços fortes e fracos.

Wellman, 1997 citado por Recuero, 2004, explica que os laços fortes são aqueles que se caracterizam pela intimidade, pela proximidade e pela intencionalidade em criar e manter uma conexão entre duas pessoas, já os laços fracos, por outro lado, caracterizam-se por relações esparsas, que não traduzem proximidade e intimidade. Laços fortes constituem-se em vias mais amplas e concretas para as trocas, enquanto os fracos possuem trocas mais difusas.

O que se pode verificar em redes sociais virtuais, em que as pessoas se agrupam por afinidades com os tópicos e/ou comunidades criados, provavelmente, com o objetivo de gerar status de pertencimento para aqueles que assim o desejarem, sem o intuito de estabelecerem relações mais fortes, como discussões, e contribuições para estas comunidades, é que o princípio de ver e serem vistos, acaba por consolidar um narcisismo que perpassa todas as camadas da sociedade, quer seja virtual ou não, gerando tensões e insatisfações corporais, que não se sabe ao certo qual seu ponto gerador inicial, se é que se pode estabelecer tal relação, pois tanto nos ambientes reais quanto virtuais,

“... aquele que olha o Outro não se vê verdadeiramente, ele projeta no Outro suas próprias imagens de repulsão. O Outro se encontra obrigado a assumir o destino de seu próprio corpo e do corpo daquele que o olha todos os dias”. (JEUDY, 2002, p. 132)

5. Procedimentos Metodológicos

Antes de darmos prosseguimento ao foco principal desta pesquisa, faz-se necessário esclarecermos como foram feitas as coletas de dados dos participantes que aqui serão referidos posteriormente. O trabalho foi desenvolvido por meio de uma pesquisa exploratória, qualitativa, utilizando questionário e entrevista como técnicas mais adequadas para a coleta de dados, método este escolhido após a aplicação de um piloto.

Tal aplicação de questionários e entrevistas foram feitas através da internet, meio este que vem sendo utilizado com bastante freqüência e propriedade por diversos pesquisadores, dentre eles podemos citar SILVA (2000), SCHWARTZ et. al (1998), SCHWARTZ (2003); possibilitando grande acesso aos entrevistados das mais variadas localidades, minimizando um dos fatores limitantes que um pesquisador possa vir a enfrentar, que é o deslocamento até seus pontos focais de pesquisa, como nos ilustra com bastante propriedade a autora Lúcia Santaella em seu livro *Lições e Subversões* (2009) ao citar que:

“... em um período de tempo impressionantemente curto, o computador colonizou nossas vidas, no trabalho, no lazer, na aprendizagem e, sobretudo, na comunicação. Isso fez da cibernética a alquimia do nosso tempo e do computador seu solvente universal. A rede está hoje em todos os lugares. Embora seja conhecida como internet, ciberespaço é o nome mais apropriado para caracterizar o território informacional, sem começo nem fim as conexões de computadores ao redor do globo. Nesse espaço de virtualidades, feito de *bytes* e luzes, a geografia física não importa, pois qualquer lugar no mundo fica à distância de um clique.” (SANTAELLA, 2009,P.135)

Outra facilidade que podemos identificar é a maior sensação de segurança e/ou sinceridade que o anonimato e/ou impessoalidade de tais tipos de coletas de dados podem fornecer, devido à inexistência da atmosfera, muitas das vezes, intimidatória que permeiam entrevistador e entrevistado, objetivando assim a exploração do contexto onde se desenvolve a temática em estudo.

As comunidades virtuais passam a funcionar como novas e vibrantes aldeias de atividades dentro das culturas mais amplas do computador, compondo agrupamentos de pessoas que poderão ou não se encontrar face a face, e que trocam mensagens e idéias por meio de mediação das redes de computador.

Santaella (2009) reforça a idéia de multiplicidade e facilidade de interação e acesso às pessoas quando se refere ao espectro multiplicador da tecnologia sem fio, sistema este que conecta usuários de qualquer lugar para qualquer outro lugar e que se alastra assombrosamente, levando à constatação de que a cultura digital não pode ser vista como uma subcultura *on line* única e monolítica, mas como um ecossistema de subculturas, misturando-se assim, micro, macro e mega-comunidades.

Ao escolhermos a internet como meio de acesso aos nossos entrevistados tomamos ciência de que tal ambiente é pródigo em situações onde as pessoas estão “imersas em suas realidades virtuais”, com suas identidades no ciberespaço e toda uma sorte de ocorrências em que o corpo ou o “cibercorpo” se encontra, pois segundo Santaella (2009), o que caracteriza prioritariamente o espaço de virtualidades das redes é a habilidade para simular ambientes dentro dos quais os humanos podem interagir, ambientes que só funcionam como tal pelo agenciamento do visitante, e o acesso se dá por meio de interfaces que permitem penetrar nos ambientes para se navegar a bel prazer pela informação, esta consubstanciada em linguagens hipermidiáticas (linguagens mistas, híbridas, feitas de misturas de textos linhas, sinais, gráficos, tabelas, imagens, sons, ruídos, músicas e vídeos) e disponibilizada em arquiteturas de conteúdo organizado.

Ainda segundo a mesma autora, os programas interativos oferecem ao navegador a possibilidade de mudar de identidade e de papel numa multiplicidade de pontos de vista, sendo formas de o internauta elaborar pensamentos que o levem a incorporar identidades geradas no ciberespaço, proporcionando também sensações de segurança e impessoalidade de acordo com suas interações e intervenções na rede e,

“... o que se tem aí, portanto, não é só um tipo de interatividade interpessoal mediada pela máquina, mas também uma interatividade transindividual, em que a personalidade do cibernauta se pulveriza em tramas infinitas de nexos e passagens por situações e sítios individuais, nos quais o emissor e receptor perdem seus limites definidos para ganhar uma face plural, universal, global.” (SANTAELLA, 2009, p.132)

Em uma tentativa de minimizar os possíveis inconvenientes de uma pesquisa via internet, tais como, a dúvida se o pesquisador está trabalhando com pessoas reais ou perfis denominados “fakes”, traçamos estratégias para nos garantir a fidedignidade dos dados coletados.

Para tanto, nos baseamos num artigo de Kozinets (1998), localizado em *“On Netnography Initial Reflections On Consumer Research Investigations Of Cyberculture”*, denominado desonestidade e falsa representação – tradução livre - (Dishonesty and Misrepresentation), em que cita o fato da vigilância, bem como maior atenção e criteriosidade na coleta dados e suas interpretações, se fazem necessários.

A estratégia sugerida pelo autor é a triangulação de dados daqueles indivíduos escolhidos para fazer parte da pesquisa, uma vez que, ao acessarmos as páginas pessoais destes indivíduos, podemos perceber constante interação com seus pares em situações reais do cotidiano, tais como, comentários sobre encontros nos mais variados locais (em especial destaque, nas academias de ginástica e musculação), festas, relacionamentos amorosos, etc.

Outra estratégia adotada por nós para garantir a confiabilidade dos dados foi a utilização da ferramenta de comunicação síncrona MSN, em sua interface de vídeo chamada.

Em contrapartida, também, Kozinets (1998) indaga: qual a certeza que se tem da veracidade das entrevistas face-a-face, no campo real? Por que os participantes desta modalidade não poderiam estar mentindo, ao questionar ou responder uma questão? Talvez, pelo tradicionalismo, estabeleça-se que a entrevista presencial seja mais fidedigna, mas estes são detalhes de um passado muito remoto, que a Antropologia e a Netnografia já superou.

6. População

Inicialmente, nossos participantes foram escolhidos aleatoriamente, num grupo de 26 internautas usuários da rede social Orkut, participantes de comunidades virtuais específicas de vigorexia, cuja abrangência vai desde simples praticantes de atividade física até os mais engajados nesta prática.

Partilhamos da opinião dos autores Araújo (2005) e Santaella (2009), e acreditamos que todos os tipos de ambientes comunicacionais na rede se constituem nas formas culturais e socializadoras daquilo que vem sendo chamado de comunidades virtuais, isto é, grupo de pessoas globalmente conectadas na base de interesses e afinidades, que vem a se acrescentar às conexões geográficas.

Após a aplicação de um piloto, a análise e discussão dos critérios descritos nos procedimentos metodológicos nos direcionou a optar por escolhermos, dentre aqueles 26 indivíduos, os que melhor se encaixavam nos critérios propostos, para que fossem minimizadas quaisquer dúvidas quanto à existência dessas pessoas, ou seja, que estivéssemos analisando perfis “fakes”, colocando assim, em risco nossa coleta e análise de dados.

Prosseguimos com nossa pesquisa selecionando 13 participantes, com idades variando entre 18 e 35 anos, usuários freqüentes da rede social Orkut e participantes de comunidades virtuais específicas de vigorexia, dos quais poderíamos ter fácil acesso em pelo menos duas, das três formas de contato pré-estabelecidas como fontes seguras de confiabilidade (páginas da rede social, contato pessoal e videochamadas do site MSN).

Não analisamos questões socioeconômicas por acreditarmos que este tipo de distúrbio de imagem, a vigorexia, não é uma ocorrência exclusiva de uma determinada classe social, visto o fato de não haver menções na literatura adotada, sobre a questão social ou econômica, que pudessem favorecer ao desvelar de algum dado importante.

7. Tratamento de Dados

Para o tratamento dos resultados, realizar-se-á a categorização, a “[...] transformação – seguindo regras específicas dos dados de um texto – procurando agrupá-los em unidades que permitam uma representação do conteúdo desse texto [...]” (RICHARDSON, 1999, p. 233). Neste estudo, realizaremos a categorização dos resultados por análise temática, procurando-se descobrir o sentido da mensagem, reescrevendo um fragmento do discurso tentando extrair seu significado, de acordo com o problema pesquisado (RICHARDSON, 1999).

Visauta apud Negrine (2004) caracteriza as categorias como seções ou classes de determinados elementos sob um título genérico, isto é, refere-se a unidades de análise ou de registro, como ocorre na análise de conteúdo. Por outro lado, diz respeito à união que se realiza, em razão de características de elementos comuns; supõe, entretanto, maior grau de abstração e de compreensão conceitual de análise.

8. Análise e discussão dos dados

A análise e discussão dos dados serão feitas a partir dos relatos dos participantes da pesquisa no que tange às suas respostas referentes ao questionário aplicado, bem como postagens das páginas pessoais que sejam relevantes a temática estudada. Inclusive optou-se por trazer a resposta tal como fora postada, sem o devido cuidado com a língua portuguesa escrita, mas apresentando as incorreções, inflexões e palavreados utilizados nas comunicações dos participantes.

Questão 1: *Quais são seus objetivos com seus treinamentos?*

Participante 1: *“Ganho de massa muscular”*

Participante 2: *“Hipertrofia com qualidade de vida, ou seja? MASSA MAGRA!”*

Participante 3: *“ficar com um corpo seco e simétrico”*

Participante 4: *“Estéticos”*

Participante 5: *“Meus objetivos são ficar com um corpo muito musculoso, definido e proporcional”.*

Participante 6: *“TER UMA QUALIDADE DE VIDA MELHOR E SAUDÁVEL”*

Participante 7: *“hipertrofia”*

Participante 8: *“Estéticos”*

Participante 9: *“me tornar um fisiculturista mundialmente conhecido”*

Participante 10: *“O meu objetivo é buscar cada vez mais um melhor condicionamento e um ideal próprio (particular) de estética.”*

Participante 11: *“Ter um físico maior e melhor, e me manter saudável”*

Participante 12: *“hipertrofia muscular; pretendo ser Bodybuilder”*

Participante 13: *“Busco a hipertrofia muscular”*

Ao analisarmos as respostas da questão inicial, os participantes demonstram objetivos similares, ou seja, as atenções são voltadas à hipertrofia (aumento) muscular.

Esta preocupação facilita o entendimento, uma vez que, os distúrbios de imagem primam pela não aceitação do corpo da maneira como se apresenta, e, no caso estudado, os participantes encontram em seus pares referências corporais significativas.

A musculação de cunho estético aparece como porta de entrada àqueles que desejam obter um corpo socialmente aceitável, e este aspecto, encontra na mídia um forte veículo de divulgação.

Em uma tentativa de aclarar tal situação, nos deparamos com o que Peyrò (2006) relata como sendo vantagens sociais de quem possui os atributos de “corpo perfeito”, uma vez que as influências da atratividade física sobre as relações sociais se manifestam no fato de que as pessoas consideradas mais atraentes obtêm certas vantagens sobre as que não são, fazendo com sejam julgadas com menos severidade, que tenham acesso facilitado em determinados lugares, ocupem cargos diferenciados em suas áreas de atuação, etc.

Estevão e Bagrichevski, (2004, p.23) ilustram estas preocupações corporais citando que “... a silhueta hipertrofiada causa sensação de segurança e autonomia, [...] e os fisiculturistas se tornam ‘adictos’ de seu próprio corpo.”

O que não podemos negligenciar é o perigoso e poderoso discurso da boa forma física, que se utiliza de modelos corporais ditos “perfeitos”, e tem o poder de produzir um duplo discurso onde, ao tentar alcançar este corpo idealizado, saudável e com qualidade de vida superior, se entrega em uma rotina obsessiva e nada saudável.

A divulgação de imagens de pessoas com “corpos perfeitos”, em sua maioria, traz à luz a discussão onde os meios para se obter o corpo socialmente aceito e desejável, nem sempre são ditos de maneira clara, ou seja, paira a suspeita de utilização de substâncias de uso controlados (esteróides anabólicos) e/ou a suplementação com o intuito único de se obter ganho de massa muscular, uma vez que são poucas as pessoas que conseguem obter tal “corpo perfeito” sem a utilização destes recursos.

Ao tratar do assunto, Sabino (2002, p. 148) analisa que esse tipo de substância, “... atualmente, é objeto de consumo cotidiano de pessoas comuns que buscam otimizar a aparência, muitas vezes utilizando o discurso da saúde como respaldo para seu consumo intermitente.”

As respostas obtidas nesta primeira questão acabam por confirmar o que Pope, Phillips e Olivardia (2000) detectaram com seus estudos: os homens estudados por eles, e que se assemelham aos deste estudo, além de superestimar a musculatura de um homem normal em torno de 6 kg, também pensam que o ideal corporal está em uma musculatura, cerca de 4,5 kg acima do que as deles.

Questão 2: Você se considera uma pessoa musculosa ou “malhada”?

Participante 1: *SIM ME CONSIDERO*

Participante 2: *COSTUMO DIZER QUE ATLETA TREINA E NÃO MALHA! SÓ COM TREINAMENTO SE CONSEGUE RESULTADOS! SE ME CONSIDERO MUSCULOSO OU MALHADO? RAPAIS JÁ ESTOU A 2 ANOS SEM TREINAR POR CONTA DA MINHA ACADEMIA QUE ME TOMA TODO O MEU DIA! ESSE É FOI O MOTIVO DE TER COMEÇADO NESSE ESPORTE! É O ÚNICO RETORNO QUE VC TEM COM SUA IMAGEM!*

Participante 3: *malhada +ou-*

Participante 4: *Muscoloso, com pouca definição muscular*

Participante 5: *Com certeza*

Participante 6: *SIM*

Participante 7: *musculoso*

Participante 8: *malhado.*

Participante 9: *realmente me considero uma pessoa musculosa, apesar de não ser de ficar se exibindo, e nem tirar vantagem disso.*

Participante 10: *- Eu me considero musculoso, pois venho treinando desde a adolescência e busco justamente isso, peso e massa muscular.*

Participante 11: *sim*

Participante 12: *musculosa; eu treino, não malho!*

Participante 13: *Não mesmo, cada vez que me olho no espelho eu vejo que falta muito ainda pra eu chegar a ser um Franck McGratch.*

Neste questionamento se vê uma diferença entre os participantes quando questionado sobre considerar-se “malhado” ou musculoso.

Tal constatação se dá pelo fato de, considerar-se uma pessoa malhada é ter consigo a preocupação única de estética, ou seja, preocupações corporais que remetem aos modelos de passarelas ou artistas de televisão, como podemos observar nas “comunidades virtuais” que os participantes que responderam serem “malhados” fazem parte.

Por exemplo, a descrição de uma comunidade denominada “*Sarados do Orkut*”, onde só entra quem é “malhado” e que tem, além de nossos participantes, mais 1698 membros (homens e mulheres):

*“Essa comunidade é para aquelas pessoas que se amarram em malhar, trabalhar seu corpo de maneira intensa e que tenha como meta chegar à perfeição do corpo!
Tenha sempre:*

_determinação
 _garra
 _força de vontade
 _uma boa alimentação
 _um bom descanso
 _treino árduo
 Acima de tudo!
 Nunca desaminem, pois a musculação requer sempre
 alto-estima e perseverança!
 Sempre ande de bem com a vida, a musculação pode
 proporcionar isso, você estar se sentindo bem com você
 mesmo , estar com um corpo legal e andar por aí dizendo
 ..
 "sou marombeiro"
 Obs: COMUNIDADE só ENTRA SARADO se vc ainda
 não eh, TREINE BASTANTE para poder fazer parte dessa
 FAMÍLIA!"

O que poucas pessoas se atentam é que, mesmo com um discurso da boa forma física, do treino árduo, da boa alimentação, entre outros fatores para se obter o porte físico “sarado”, as “comunidades virtuais” relacionadas a esta citam que:

O que cresce natural é planta (5784membros)

“- Comunidade para os AMANTES de MUSCULAÇÃO,
 que concordam ou gosta da frase "O QUE CRESCE
 NATURAL É PLANTA.
 Porque realmente, hoje tem dia temos muitos "adubos"
 para ajudar no crescimento muscular.
 Use SUPLEMENTOS NATURAIS...
 A comunidade NÃO apoio o uso de qualquer tipo de
 droga... DIGA NÃO!!
COMPRA ANABOLICOS via
PagSeguro www.ANABOLS.com"

Isso demonstra certa contradição com as descrições dos atributos necessários para se obter um corpo “sarado”, reforçado pelos tópicos de discussão, ou seja, apesar de um discurso que envolve uma série de qualificações onde qualquer pessoa pode obter o corpo desejado, sua aquisição vai além, o postulante ao corpo perfeito necessita também de:

“SUPLEMENTOS E ARTIGOS ESPORTIVOS CONFIRA!! FAÇA O MELHOR PARA SER O MELHOR. TUDO PARA SUA SAÚDE (grifo do autor). PREÇO E QUALIDADE NO ATENDIMENTO SÃO PONTOS FORTES EM NOSSA EMPRESA!”

“COMO COMPRAR SUPLEMENTOS A PREÇO DE CUSTO”

“TPC DO M-DROL, EVITE A GINECOMASTIA (grifo do autor)!!!”

Quando analisamos as respostas daqueles que se intitulam musculosos e comparamos com seus depoimentos em suas páginas pessoais, bem como as “comunidades virtuais” que estes fazem parte, obtemos informações de extrema relevância no tocante ao “estilo de vida” dos nossos participantes. Podemos destacar:

Participante 4: *“Não sou igual o jogador de futebol que deixa a bola em casa, meu esporte carrego no corpo, no sangue!!! Musculação!!!”*

Participante 13: *“Não sou o tipo de cara que sai pra balada Pq eu prefiro ter uma boa noite de sono, para repor as minhas energias gastas no treino. Me dedico, sou viciado, e amo o que faço! (Pois eu treino pra mim, e não pra vc!)”*

Nessas duas caracterizações do “estilo de vida” daqueles que se consideram musculosos detectamos itens importantes na detecção de fatores que levam à vigorexia, tais como, a supressão da vida social em detrimento de seus treinamentos e a compulsividade por treinar, reforçado pelas seguintes “comunidades virtuais”, compartilhada pelos participantes 4, 5 e 13:

“Vigorexia” (6603 membros)

Com a seguinte descrição:

"Não importa quem é você, ou o que você faz.
 Aqui é um local para aqueles que estão preparados para dor.
 Disciplina, Dedicação, Determinação, o que te caracteriza.
 Muitos não entendem: o que leva uma pessoa a buscar a perfeição?
 Sendo que, na prática ela não existe.
 De qualquer forma, isso não importa, não será um mero detalhe que irá te impedir.
 Faça chuva, faça sol; nas dificuldades, você sempre estará presente.
 Seu ritual não pode parar.
 Você não suporta o fardo de se sentir fraco, pequeno, impotente.
 Tem de fazer algo a respeito.
 Quando chega a hora, apenas você sabe o que deve ser feito.
 Distrações sempre existem, e estarão sempre presentes para testá-lo.
 Mas nada pode te parar, seu foco não muda, seu orgulho te alimenta.
 Dia após dia a rotina te consome.
 E então você se pergunta se algum dia isso vai ter fim.
 E, sinceramente, deseja que não."

E:

"Eu treino em tdo q é feriado!" (3162 membros)

Com a descrição:

"Comunidade pra quem nun ta nem ae se é feriado, datas especiais para atrapalhar a rotina de treinamento e dieta!
 Os cara fecha a academia 3 a 4 dias atrapalhando nossa seqüência INTENSA de treino e bagunçando nossa rotina.
 Ta certo que eles tem q descansa, intão impresta a chave da academia ae irmão!!!
 Enquanto os frangos, gordos e gordas estão comendo calóricos ovos de páscoa, kilos e kilos de gordura saturada, açúcar, porcária atraz de porcária ,NÓS tubarões estamos treinando em busca da melhor qualidade muscular de cada um!
 AVISO IMPORTANTE: É o seguinte, não quero + sabe de propaganda de esteróides anabolizantes aki na comunidade, pq sempre tem um troxa frango q nun sabe

nem toma café da manhã e axa que akela ampola é a melhor solução!! Vcs que postam são + troxas q eles, pq hj em dia a procura é tanta, q não se sabe o que é falso e o q é verdadeiro... PORTANTO FIKA LIGADO!"

Portanto, a diferenciação entre ser “malhado” ou musculoso envolve fatores que vão além do desenvolvimento muscular, o status de pertencer a um ou outro grupo significa adotar condutas e “princípios” próprios.

Em outras “comunidades virtuais” das quais fazem parte os participantes que se intitulam “sarados” se pode notar a adesão ao “estilo de vida” metrossexual e assumidamente narcisista.

O mesmo não ocorre no grupo dos que se consideram musculosos, uma vez que, na análise destes, o “estilo de vida” citado acima possui caracterizações que remetem à homossexualidade, fragilidade e a demonstração de sentimentos que não condizem com a condição de “supermachos”.

Os autores Pope Jr., Phillips e Olivardia (2000) relatam em suas pesquisas que os aspectos que remetem aos cuidados corporais, no sentido de vaidade e narcisismo, e de se assumir como tal, é passível de olhares e julgamentos quanto à sexualidade, pois os heterossexuais, freqüentemente, não revelam seus problemas com a imagem corporal.

Assim:

“... com que freqüência nossa homofobia cultural envergonha os homens heterossexuais, levando-os a esconder suas obsessões corporais? [...] não se espera que ‘homens de verdade’ (leia-se ‘heterossexuais’) se preocupem com sua aparência e muito menos fiquem se comparando com os corpos de outros homens. Se eles o fazem, receiam – realisticamente – ser chamados de afeminados, frescos ou ainda pior, gays.” (POPE Jr, PHILLIPS e OLIVARDIA, 2000, p. 268)

Vemos que ser musculoso é estar de acordo com as normas sociais no que se refere ao ser homem de verdade, pois suas preocupações se voltam apenas para o desenvolvimento de seus músculos “sem fins estéticos”, a menos que

este esteja respaldado por um esporte, numa sociedade do espetáculo, como a do início do século XXI.

Tais constatações acabam por causar sérios prejuízos quando falamos de patologias relacionadas à imagem corporal, pois vemos que para a detecção e posterior tratamento destas patologias nos deparamos com tabus sociais que impedem que se fale abertamente sobre imagem corporal, sem que isso traga outras consequências, tão ou mais indesejáveis e prejudiciais quanto a patologia em si.

Questão 3: *Você se preocupa com as medidas do seu corpo? Quais?*

Participante 1: SIM, AS MEDIAS DO MEU BRAÇA E DAS PERNAS

Participante 2: NUNCA FUI ASSIM!VOU PELO QUE A MINHA IMAGEM NO ESPELHO ME MOSTRA! NÃO FICO SUBINDO EM BALANÇA TODA HORA E NEM ME PREOCULOPO COM TAMANHO OU PESO! PRA MIM ACIMA DISSO VEM A SIMETRIA!

Participante 3: sim ,biceps e cintura

Participante 4: Sim sempre, braços e peitoral são minhas maiores preocupações, apesar de sempre visar uma simetria total

Participante 5: Sim, principalmente com as coxas e braços, pois sou longelinio, isso dificulta muito seus membros parecerem ser grandes, apesar de serem, quando se passa a fita métrica.

Participante 6: SIM PEITO,BRAÇOS E PERNAS

Participante7: sim, no geral, biceps, triceps, deltoide, trapezio, quadriceps, dorsais, gastrocnêmio,etc

Participante 8: sim, braços, pernas e torax.

Participante 9: concerteza,me preocupo muito,sempre estou me medindo de 3 em 3 semanas e quando as medidas nao aumentam dou uma revisada na dieta e treinamento para ver oque esta errado.. quais?todas rsrs,todos os grupos musculares---

Participante 10: Não me preocupo tanto com as minha medidas, sou mais preocupado com a aparência.

Participante 11: uso as medidas como referencia da minha evolução.

Participante 12: ja me preocupei muito, mas hj não ligo pra isso não; o espelho me fala se ta bom ou não, estando meu corpo em simetria esta otimo !

Participante 13: Sim, a cimetria do bíceps e das minhas panturrilhas são as principais, depois vem o que eu mais adóro trabalhar que é a minha dorsal.

A preocupação com as medidas corporais aparece como complemento para quem ingressa no “mundo da musculação” e traz a reboque uma série de situações próprias daqueles que praticam tal atividade, tais como a necessidade em se medir e pesar freqüentemente, utilizar-se de suplementação para ganho de massa muscular, pouca atividade aeróbia (acredita-se que o simples fato de subir em uma esteira ou bicicleta ergométrica faz com que se perca massa muscular - entenda-se ficar mais fraco).

Comumente verificam-se homens com a musculatura extremamente desenvolvida na porção superior do corpo (peito, costas, bíceps e tríceps) e com pouco desenvolvimento muscular na parte inferior.

Para os praticantes de musculação do sexo masculino, é lugar comum a preocupação em fazer exercícios, quase que exclusivamente, para os membros superiores, exceção feita àqueles que pretendem ser fisiculturistas, pois a simetria e proporção corporal, tanto de membros superiores quanto inferiores, são quesitos obrigatórios para obter sucesso no esporte.

Com a análise das respostas, percebemos que os participantes deste estudo demonstram preocupações em trabalharem todos os segmentos corporais, mas quando se trata de exibir seus corpos, estes tem a preocupação e/ou cuidado de escolherem fotos que valorizem a parte superior do corpo, em especial, tórax e bíceps.

Outra vez nos deparamos com o viés da sexualidade, pois nas academias de ginástica e musculação, os objetivos mais freqüentes das mulheres e homossexuais são o desenvolvimento da musculatura das pernas e glúteos, para se manterem nos padrões estéticos brasileiros.

Portanto, tal trabalho muscular é associado diretamente ao sexo feminino, não cabendo aos homens, com H maiúsculo, trabalharem suas pernas e glúteos sem serem motivos de chacota e/ou haver uma associação direta com mulheres ou homossexuais, ou como nos ilustra Malysse (2002):

“... essa divisão corporal remete imediatamente à idéia de ‘sexo social’ (Mathieu, 1998) e, de maneira mais

específica, às relações entre o corpo erótico e as identidades sexuais. Em sua análise do corpo masculino erótico e psíquico em Atenas e no porto de Pireu nos dias de hoje, Yannakopoulos mostra que a visão local do corpo masculino, dividido entre a parte superior (o eu psíquico) e a inferior (o instinto erótico, sexual), permite aos verdadeiros homens, os *Andres*, anular uma outra divisão em seu próprio benefício: a distinção entre homo e heterossexualidade. Para Yannakopoulos, uma vez que a parte superior é considerada a sede do eu racional, essa divisão do corpo masculino significa também a oposição entre lógica e os instintos sexuais, [...] enquanto que as mulheres, de quem não se espera que 'possuam uma divisão entre parte superior e a parte inferior' (Yannakopoulos, 1998), constroem com esforço seu sexo social por meio da manutenção daquilo que os homens consideram a parte mais sexual do corpo da mulher: as nádegas" (MALYSSE, 2002, p.104-105)

Questão 4: *Você faz algum tipo de busca na internet por modelos ideais de corpo (imagens de referência)?*

Participante 1: SIM

Participante 2: NÃO BUSCO SER IGUAL A NINGUÉM! QUANDO QUERO EU VOU E PEGO! SOU ASSIM !DETERMINAÇÃO É A PALAVRA CHAVE DESSE ESPORTE! HOJE ESTOU COM 79 KILOS E 2%DE GORDURA !SÃO QUASE 2 ANOS SEM TREINAR COMER E DORMIR DIREITO! E COMO DE TUDO! MAIS QUANDO DISSER TO VOLTANDO! AÍ COM 2 MESES ESTOU PRONTINHO PRA COMPETIR.

Participante 3: as vezes sim,me baseio em corpos considerados SARADOS pela midia (*nao sou viadinho*) (grifos do autor)

Participante 4: Sim sempre ex: Frank Mcgrath

Participante 5: Sim, isso ajuda a me "inspirar" nos meus treinos.

Participante 6: SIM FISICULTURISTAS TAIS COMO RONNIE COLEMAN,KEVIN LEVRONE ENTRE OUTROS

Participante 7: sim em fisiculturista.

Participante 8: não.

Participante 9: concerteza.faço buscas sim,costuma me espelhar em fisiculturistas como jay cutler,arnold (q ja esta aposentado)dexter jacson entre outros,...----

Participante 10: - Sim, eu vejo reportagens e fotografias de grandes fisiculturistas e suas rotinas de treinamento.

Participante 11: internte e revistas. é importante termos modelos e objetivos na vida, em qualquer aspecto, seja ele esporte, profissão ou relações interpessoais.

Participante 12: bom minha inspiração são bodybuilder renomados: Ronnie Coleman , Jay Cutler , Markus Rhul...e claro o rei do Fisiculturismo: Arnold !

Participante 13: Na verdade busco métodos de alcançar o objetivo desejado, confeço que o Franck McGratch é uma referencia pra mim, pq se eu treinar o meu corpo pode sim chegar no estágio que o corpo dele está.

A mídia exerce grande influência sobre aqueles que querem obter um corpo socialmente aceitável, um corpo considerado vitorioso e, com isso podemos observar que, para aqueles que possuem um distúrbio de imagem como a vigorexia, tal veículo de informações e pesquisas se torna indispensável.

Espelhar-se em modelos de corpos perfeitos e desejáveis faz com que se empurre cada vez mais adiante o padrão de beleza escolhido, os corpos em destaque parecem (e estão) sempre alguns passos à frente daqueles que os observam e os escolhem como meta.

Os fisiculturistas encontram-se em patamares muito acima da média quando se pensa em musculatura bastante desenvolvida, o que se torna alvo fácil e de grande visibilidade para quem deseja ser sempre maior, como podemos detectar nas repostas de nossos participantes.

Outro aspecto que devemos nos atentar é que, até mesmo os fisiculturistas em destaque nas respostas estão em constante mudança e buscando adquirir maior quantidade de massa muscular, haja vista que, Arnold Schwarzenegger, apesar de ter tido um corpo altamente musculoso, aparece como referência “apenas” pelo fato de ser considerado “o pai do culturismo moderno”, pois os culturistas de grande destaque no cenário mundial, como os citados acima (Ronnie Coleman, Jay Cutler, Markus Rhul, Franck McGratch, entre outros) fazem com que o “pai do culturismo moderno” se assemelhe a um iniciante no esporte.

A musculatura avantajada dos culturistas modernos está em constante remodelamento e também constante aumento, e a busca por estas imagens de referência acabam por reforçar comportamentos obsessivos característicos dos vigorexícos (vide fotos em anexo II).

Novamente nos deparamos com questões de cunho caracterizador de sexualidade, como já discutido em questões anteriores, destaque para a resposta do participante 3, que faz questão de se posicionar como – em suas palavras – “*não sou viadinho*”, pelo fato deste fazer buscas por imagens de modelos considerados “sarados” pela mídia.

Tais diferenciações pela busca de imagens modelo de homens “sarados” e musculosos se dão porque, nas palavras dos próprios entrevistados:

Participante 2: “- *sarado, eu?... isso é pra quem quer ser modelinho. Esses caras... não sei não...*”

Participante 4: “*Eu quero é ficar ‘ogro’ de tão forte! No modelo, Yes Monstro!*”

Participante 13 : “- *eu treino é pra ficar monstro, quanto maior, melhor. Essa coisa de modelinho, é coisa de boiola*”

Podemos verificar também, a seguir, nas “comunidades virtuais” partilhadas entre os participantes:

“*Malhado não, Monstro sim*” (4740 membros)

Com a descrição:

“Pra vc q não gosta do tipinho rasgado mas sem volume, pra vc q curte volume, quanto mais volume melhor, se der p rasgar um pouco tudo bem, mas o importante é crescer, crescer e crescer, até explodir, esta é a sua comunidade.”

E:

“*Não TREINO pra ser modelinho...*” (21888 membros)

Com a seguinte descrição:

*“TREINO pra ser um MONSTRO.
Se você não suporta aquele corpinho magro, cheio de osso, fraco, desnutrido, raquítico, doente, preguiçoso, conhecido também como chacis de borboleta, e não agüenta mais esses modelinhos de merda!... e se você já foi chamado por um desses adjetivos: Monstro, Ogro, Animal, Cavalo, Mula, Alejado, Deformado, Envergado, Inchado, Bombado, Anabolizado, Gigante, Patola,*

Ridículo. Se quando sua mãe/mulher olha pra vc ela começa a chorar por você ter se tornado um Monstro. E se você acha que sua academia é sua caverna e você é um Ogro, seja bem vindo a nossa comunidade. "Você nasce e morre fraco, o que você vai ser entre esses dois pontos é escolha sua".

"Treinar sem comer os alimentos adequados é como arar um campo e não colocar nenhuma semente na terra. Nada irá nascer ali, nada irá crescer ali." Arnold Alois Schwarzenegger

Nossas considerações acerca destas buscas por imagens corporais, bem como as possíveis conseqüências advindas destes padrões corporais, e que ganham reforço de peso nas mídias, fazem coro ao que Peyrò (2006) cita, quando relata que:

"... os meios massivos de comunicação oferecem imagens corporais que fomentam condutas que podem desencadear transtornos alimentares ou de distorções somáticas em populações vulneráveis, já que os estilos corporais desejados e idealizados andam de mãos dadas com a publicidade e a moda. Diversos estudos de Mukai, Kambara e Sasaki (1998); Harrison (2000) e Bishop (2000), demonstram que as imagens midiáticas podem ser particularmente importantes na produção de mudanças na maneira de perceber e avaliar o corpo, assim como nas desordens psicológicas derivadas destas influências" (tradução livre do autor) (PEYRÒ, 2006, p. 323)

Questão 5: Qual seu ideal de corpo?

Participante 1: *(não respondeu)*

Participante 2: *NÃO PENSO EM IDEAL! POR ISSO DISPUTO SEMPRE A MESMA CATEGORIA! POIS VALORIZO SIMETRIA DEFINIÇÃO E POR ÚLTIMO VOLUME! SER GRANDE NÃO QUER DIZER SER COMPLETO! ANATOMIA !!!!!!!!! VC TEM TUDO MAIS SE ALGUM MÚSCULO SE SOBRESSAI SOBRE OS OUTROS! AÍ VC PRA MIM NÃO É MAIS UM ATLETA COMPLETO!*

Participante 3: *não sei informar*

Participante 4: *Grande, definido com um shape bom*

Participante 5: *Grande e musculoso.*

Participante 6: *DEFINIDO E GRANDE*

Participante 7: *muita hipertrofia com pouca gordura corporal.*

Participante 8: *com aparência saudável, malhado.*

Participante 9: *rsrs..bom na verdade não tenho um pensamento ideal de corpo..*

Participante 10: *Meu ideal de corpo; não sei se estou respondendo corretamente, mas é aquele que me agrada. No meu caso, quanto maior, melhor.*

Participante 11: *meu ideal de corpo é um corpo ideal.*

Participante 12: *Não nasci pra ser modelinho, nasci pra ser monstro, se me olhar no espelho e me sentir bem tá ótimo, nem ligo para palpites de terceiros ;*

Participante 13: *Não existe o ideal pra mim. Sempre quero mais e mais, já ouviu falar em vigorexia? Pois é, acho que tô nessas e com maior prazer.*

Questão 6: O que você considera como sendo um corpo ideal?

Participante 1: *musculoso e com pouca gordura corporal!*

Participante 2: *ATLETA IDEAL? É COMPLICADO! A MAIORIA TEM VIDA ÚTIL SE USAREM MUITA COISA E SEM DAR UM INTERVALO DE ESPAÇO! COM CERTEZA NÃO PERMANECERÃO NO ESPORTE POR MUITO TEMPO! ACHO QUE O CORPO IDEAL É AQUELE QUE VC SE SENTE BEM COM ELE!*

Participante 3: *simetria máxima com 4% de gordura*

Participante 4: *Um corpo grande, tipo o shape do Frank Mcgrath em off*

Participante 5: *O corpo ideal é o do FLEX WHEELER.*

Participante 6: *HUM CORPO BEM DEFINIDO*

Participante 7: *pouca gordura corporal com hipertrofia (volume)*

Participante 8: *com aparência saudável e malhado.*

Participante 9: *(não respondeu)*

Participante 10: *Sim (pelo menos pra mim mesmo), eu considero meu corpo ideal. Todos os exames laboratoriais que faço trazer excelentes indicadores.*

Participante 11: *cada pessoa tem um modelo de corpo ideal. O corpo ideal para mim pode não ser o ideal pra você, ou para a senhora de 45 anos. Pra mim é um corpo com mais músculos, menos gordura. Mas não sou contra quem tenha ideias diferentes.*

Participante 12: *Um corpo funcional pra cada ser humano, ou seja, cada pessoa tem uma referência de corpo ideal ...eu particularmente pretendo chegar aos 120 kg de peso corporal c/ 5% de gordura !*

Participante 13: *Ser parquinho, do tipo, de que adianta ter braços grandes e panturrilhas finas? Por isso tem q ser parquinho, daí vem a questão da simetria.*

Questão 7: Você acha que já conseguiu seu corpo ideal?

Participante 1: NÃO

Participante 2: *EU JÁ TIVE MELHOR! MAIS SE VC PEGAR QUALQUER UM ATLETA QUE VC CONHEÇA E DEIXAR ELE 2 ANOS SEM TREINAR SUPLEMENTAR E ETC! GARANTO QUE NÃO SOBRA MUITA MASSA MUSCULAR NÃO! E ANTES ERA MAIOR ,COM MAIS VOLUME! HOJE ESTOU 3 KILOS ABAIXO DO MEU PESO E NUNCA ME SENTI TÃO BEM! SECO TRINCADO,DEFINIDO E COM UM BOM VOLUME!COM 2% DE GORDURA...*

Participante 3: *ainda nao*

Participante 4: *O que eu quero não, mais todos dizem pra eu parar já, mas não quero... quero muito além*

Participante 5: *Estou muito longe. Todos os fisioculturistas, apesar de estarem sempre bem, nunca estão satisfeitos com o seus corpos. O dia que eles acharem que estão bem, eles abandonaram os treinos.*

Participante 6: AINDA NAO

Participante 7: *não.*

Participante 8: *não*

Participante 9: NÃO

Participante 10: *Não acho que consegui um corpo ideal, pois estou sempre tentando melhorar.*

Participante 11: *estou bem próximo disso. Cada dia chego mais perto. mas talvez, o corpo ideal nunca seja alcançado. Por isso ele é ideal.*

Participante 12: *To feliz c/ que eu ja conquistei mas kero mais muito mais.*

Participante 13: *Não, jamais. E por mais que recebo elogios ou coisas assim eu sempre acho que tenho que buscar cada vez mais a perfeição.*

Para darmos prosseguimento na análise e discussão dos dados de uma forma que proporcionasse um melhor entendimento, optamos por agrupar as questões de número 5, 6 e 7 podendo assim explorar com mais propriedade as respostas fornecidas por nossos participantes.

Ao questionarmos nossos participantes sobre seus ideais corporais e sobre o que eles consideravam como corpos ideais, e se já conseguiram seus corpos ideais, obtivemos respostas que condizem com a literatura estudada (Coutine, 1995; Pope Jr, Phillips e Olivardia, 2000; Goldenberg e Ramos, 2002; Sabino, 2002; Malysse, 2002; Estevão e Bagrichevski, 2004; Garcia, 2004; Peyrò, 2006; Camargos e Assunção, 2007; Mattos, 2007, entre outros) quando pensamos na vigorexia, ou seja, corpos com pouca gordura corporal, grande

quantidade de músculos e que merecem atenção em tempo integral e de forma sistemática, no tocante aos cuidados e apresentação deste.

Para ilustrarmos tais respostas, nos utilizamos do que Mattos (2007) nos demonstra quando cita que existe uma utopia de saúde onde o indivíduo é o responsável pela aquisição, manutenção e divulgação deste estado saudável, tornando-se assim “...um mandamento, um paradigma universal com efeito normativo. A saúde dita ‘perfeita’, identificada com a estética, passa a representar uma vitória contra a morte social.” (MATTOS, 2007, p. 160)

Em complemento a isso, podemos fazer uma análise das respostas dos participantes, quando estes, não aparentando “estarem no melhor de sua forma física”, recebem comentários em suas páginas de recados pessoais (Orkut) ou são questionados sobre seus estados corporais atuais.

Estes fazem questão de relatar que não estão gordos, que só estão “com este corpo” pelo fato de estarem “em off”, ou seja, em uma fase de seus treinamentos em que “é permitido” certo acúmulo de gordura corporal.

Podemos verificar tais justificativas através das “comunidades virtuais” que servem de “escudo” e justificativa contra tais questionamentos:

“Gordo? To em Off Seu Frango” (6531 membros)

Com a descrição:

“Para todos que treinam sério, que dedicam partes do ano ao ganho de massa muscular sem dar valor ao FAT.

OBS.:*Pessoal, a comunidade eh seria sim! E quem nao se identifica com este estilo de vida, nao precisa ficar tentando estragar as coisas, postando topicos totalmente desnecessarios.*

Cada um na sua, e vcs que procurem comunidades que sejam mais compatíveis com suas idéias.”

Ou então:

“Off season.” (1349 membros)

Descrita da seguinte maneira:

*“Gordo Eu ? Estou Em OFF-SEASON.
Para todos que treinam sério, que dedicam partes do ano
ao ganho de massa muscular sem dar valor ao FAT.
Para aqueles que não malham, treinam e comem feito uns
animais para chegar ao limite do corpo, e quando entrar
em "PRÉ-CONTEST" mostram o shape rasgadaço,
provando o porque de tudo isso.
Se você se não liga o que os outros vão dizer, ta pouco se
lixando em ficar com visual que mulherada
gosta(definidinho travadinho) só quer ficar maior a cada
dia que se passa...
sejam bem vindos...
Go Hard Or Go Home...
Fecha a cara e treina ...FRANGO !!!”*

É pensando na associação que o corpo fora dos padrões estéticos atuais possui, nos debruçamos nas palavras de Goldenberg e Ramos (2002) quando estes relatam que os meios de comunicação difundem corpos de exclusivo valor e padrão sociocultural e, uma vez adquirido tal corpo, seus valores se fazem presentes.

A não manutenção destes padrões previamente adquiridos a duras penas é digna de explicações para que não ocasione o que os próprios autores citados acima relatam como sendo a “morte simbólica” do indivíduo, na medida em que há uma associação do seu fracasso corporal (estético) com seu possível (e inevitável) fracasso social.

Mattos (2007) se apropriando das palavras de Deleuze (1992) nos posiciona com propriedade nesta discussão, citando que na *Sociedade de Controle* as pessoas obesas são passíveis de pensamentos regulatórios quanto à sua condição, sendo estas regulações reforçadas tanto pela mídia quanto pelos discursos científicos, legitimando “... o corpo gordo como um corpo marcado pela falência moral, e que, portanto, deve ser corrigido, modificado e aperfeiçoado” (MATTOS, 2007, p. 155).

O ideal corporal é tido como algo praticamente inalcançável ou só é conseguido por alguns poucos escolhidos. Os ideais corporais são colocados em um patamar de perfeição que, ao se aproximarem deste, seus desejos e

pulsões corporais já fazem mirada em outros corpos ainda mais perfeitos, o que podemos verificar quando o participante de número 13 nos relata que:

“Não existe o ideal pra mim. Sempre quero mais e mais, já ouviu falar em vigorexia? Pois é, acho que to nessas e com maior prazer.”

A vigorexia passa a ser algo desejável pelos seus aspectos de força de vontade, disciplina e tudo o mais que se associe a determinação em não se contentar com seu corpo, pelo fato de desejar sempre mais, pela excelência corporal exigida e jamais alcançada. Algo em constante elaboração.

As respostas dos questionamentos 5, 6 e 7 trazem posicionamentos que nos levam a pensar sobre se estas pessoas, que em suas “comunidades virtuais” se autodenominam vigoréticas, o fazem para serem detentoras de um status diferenciado, em que o maior, melhor, mais determinado e mais afetado por este distúrbio de imagem, sejam valorizados por isso.

Nossa preocupação é de estarmos lidando com fatores que são sabidamente nocivos à saúde, mas que adquirem status de valor diferenciado quando analisados à luz da beleza contemporânea, com seus modelos de perfeição, tornando-se, assim, desejáveis.

Tais inquietações não são sem razão, uma vez que os padrões estéticos corporais estão cada vez mais rígidos e seletivos e a insatisfação e insegurança corporal são lugar comum nos dias de hoje. Neste momento, cabe destacar a resposta do participante 11, quando questionado sobre se este já conseguira seu corpo ideal. Em suas palavras: *“Estou bem próximo disso. Cada dia chego mais perto. mas talvez, o corpo ideal nunca seja alcançado. Por isso ele é ideal.”*

Esta resposta nos ilustra com propriedade a discussão sobre ideais corporais, não só daqueles acometidos por algum distúrbio de imagem, mas sim de uma sociedade que destrona com tamanha facilidade seus eleitos ao Olimpo da beleza.

Questão 8: Você está satisfeito com sua imagem corporal? Se a resposta for não, o que mais incomoda em seu corpo?

Participante 1: *SIM*

Participante 2: *SIM ESTOU SATISFEITO! POIS SEI QUE QUANDO QUISER EU VOU E CHEGO LÁ DE NOVO! E ESTÁ SENDO BOM PRA DAR UMA DESCANSADA NA CARÇAÇA! POIS ESSE ESPORTE É PRA DOIDO KKKKKKK JÁ VI CADA LOUCURA QUE NEGUINHO FAZIA NOS BASTIDORES DE COMPETIÇÕES! SEM NOÇÃO.....*

Participante 3: *nao,finura do meu braco e flacides da pele*

Participante 4: *Não, por enquanto uma camada de gordura pois estou em off*

Participante 5: *Não. O que mais me incomoda é o meu abdômen.*

Participante 6: *NAO ,O QUE MAIS INCOMODA SAO AS GORDURAS LOCALIZADAS*

Participante 7: *não,peito.*

Participante 8: *não, ainda sinto a necessidade de ter um pouco mais de volume e definição muscular.*

Participante 9: *não.Meu abdômen.*

Participante 10: *Por ora, acho que estou satisfeito com imagem corporal.*

Participante 11: *- Não posso dizer que estou satisfeito. A insatisfação é o que nos leva a melhorar na vida. em todos os aspectos. Quando você fica satisfeito, vc se acomoda. Essa visão se aplica a tudo na vida.por isso digo que a musculação nos ensina muito sobre a vida. Não é apenas a estética. Mas tbm não posso dizer que não estou contente com meu corpo. Estou bem próximo do que pretendo.*

Participante 12: *Não.Ah não que algo me incomode , mas eu nao posso me acomodar...acomodação e musculação nao tem elo nenhum...sempre melhorando o shape !*

Participante 13: *Não estou satisfeito não, tenho muito que melhorar, hehe. Ah com certeza o que mais me encomoda e a taxa alta de glicose e sacaridios no corpo, isso ferra tudo.*

Este questionamento vem a complementar as questões anteriores e nos dá um panorama bastante claro das preocupações corporais de nossos participantes, uma vez que ao analisarmos suas inquietações quanto aos seus ideais corporais, poderíamos antever que as respostas a este questionamento fossem compatíveis com as que obtivemos.

Em nosso entendimento, as respostas afirmativas, em especial destaque a do participante 2, justificam sua satisfação com a imagem corporal com a possibilidade do vir a ser, do obter o corpo idealizado quando assim desejar, e

não do momento atual, o que nos remeteria também a uma provável negativa quanto a sua imagem corporal.

Nesta questão, a imagem corporal do homem bem como sua satisfação adquirem aspectos expressivos de análise quando percebemos que as inquietações corporais as quais se referem os participantes são relativas aos membros superiores do corpo, nos revelando assim que o olhar destes homens estão voltados unicamente ao seus torsos e quaisquer “defeitos” que estes apresentem.

Os membros inferiores, apesar de serem trabalhados, não são passíveis de preocupações, uma vez que, como já discutido em questões anteriores, remetem ao universo das preocupações femininas.

A quantidade de gordura corporal tem especial destaque neste aspecto de estar satisfeito com a imagem corporal, mesmo que este se apresente sob a forma de “flacidez” ou “excesso de glicose e sacarídeos.”

Em uma tentativa de aprofundamento da resposta dos participantes 3 e 13 com relação às suas palavras, estes relataram que:

Participante 3: *“então... a flacidez é por causa do excesso de pele que fica quando estamos em off. Quando a gente tá com aquela musculatura toda, quando pegamos pesado, a pele fica fininha, sem nada de gordura. Depois você sabe, né...Mas “não dá nada não”, é só uma fase antes de ficar gigante de novo, cada vez maior, isso é o que importa!”*

Participante 13: *“o que eu disse sobre a taxa de glicose e sacarídeos no corpo é que a gente precisa disso, eu sei, só que essas p... viram gordura. Eu fiz um teste desses de laboratório, só pra ver como anda a “máquina” e me disseram que as taxas de glicose e sacarídeos estavam um pouco altas; eu pensei p... que b... isso aí vai virar gordura logo, logo! E gordo você já viu, né, não cabe nem em cadeira de cinema.”*

Nestes casos estamos diante de fatores de intensa disposição de energias para se obter algo que nem sempre é alcançável, o físico ideal de uma sociedade em constante mutação em seus padrões de beleza.

As identidades que se criam com base na aparência física são dignas de preocupações e de maiores estudos quando falamos em uma constante

insatisfação com aquilo que se vê no espelho, impulsionando cada vez mais os limites corporais do aceitável.

Mattos (2007), novamente, nos traz contribuições importantes para a reflexão quando cita que:

“... o corpo, no século XX e XXI, tornou-se um referencial privilegiado para a construção das identidades pessoais. O que somos e o que devemos ser passou a ser definido a partir de nossos atributos físicos. Estar bem com o próprio corpo deixou de ser uma precondição da excelência política, religiosa ou sentimental para se tornar uma finalidade quase independente” (MATTOS, 2007, p. 158)

Questão 9: *Você acessa a internet com o intuito de trocar experiências sobre musculação, tais como, passar/pegar treinos, comparar medidas corporais, resultados de treinos, etc.?*

Participante 1: *SIM*

Participante 2: *PROUCURO AJUDAR SEMPRE OS QUE ESTÃO COMEÇANDO! POIS SEI COMO É NESSE ESPORTE VC QUERER CHEGAR LÁ E SEM NINGUÉM PRA TE AJUDAR! POR ISSO AJUDO A MULECADA ! E TIRO MUITA BESTEIRA DA CABEÇA DELES.....*

Participante 3: *sim sim*

Participante 4: *Sim*

Participante 5: *Sim, a troca de experiências nessa área é muito importante para se obter os melhores resultados.*

Participante 6: *sim*

Participante 7: *não ,busco informações em revistas.*

Participante 8: *não.*

Participante 9: *sim*

Participante 10: *Sim, eu compro revistas, acesso a internet em sites de musculação para adquirir conhecimentos*

Participante 11: *tenho um site sobre musculação. Parte do meu trabalho é pesquisar sobre isso. Mas também faço por diversão. então, a resposta é sim. não fico trocando medidas, nem pedindo treinos etc.. uso a internet para pesquisar artigos científicos etc..*

Participante 12: *: Informacoes sempre é bom trocar , acredito em individualidade biologico entao assim se vejo um treino na net nem penso em fazer igual ate pq musculação não é receita de bolo.E qto a comparar medidas acho besteira !*

Participante 13: *Sim, pesquiso muito os preços de suplementos e tal, e preços de medicamentos sintéticos.*

Discorrer sobre a mídia e suas influências sobre o cotidiano das pessoas é debruçar-se sobre uma temática de extensão e possibilidades infindáveis. Nestas questões nos são apresentadas várias possibilidades de análise pelo fato de estarmos diante de constantes (re)invenções corporais, tendo como pano de fundo algo que também é prodigo em se (re)inventar.

De fato, é de difícil dissociação estes dois fatores, uma vez que, a constante geração de insatisfação corporal faz morada no também constante desejo de aprimoramentos corporais, e as mídias encontram neste espaço uma oportunidade sem igual de estabelecer-se de modo a ditar tendências e estabelecer padrões.

A busca por imagens de referência é algo que nos chama bastante atenção, pois como nos relata Terrón (2002), esta imagem midiática, em oposição à imagem do espelho, não mostra o sujeito que observa, mas faz com que este fixe seu olhar nestas imagens, constituindo assim, tanto aquele que observa quanto aquele que é observado.

Esta comparação de si como alguém que pertence ao grupo daqueles que seguem certo estilo de vida ou que fazem parte de um grupo seleto de pessoas que possuem um corpo desejável, encontra na internet acentuada potencialização, fato este ilustrado por nossos participantes da pesquisa quando estes relatam não só fazerem buscas por imagens de referência, como também trocar experiências de como se obter tal corpo, incentivam-se entre si (os elogios são sempre muito bem aceitos, enquanto que as críticas são rechaçadas com veemência e certa agressividade)

Mesmo que de forma velada, os participantes da pesquisa (acreditamos que não somente eles) fazem constantes buscas por tudo o que possam os deixar maiores e mais fortes, algo que, somente o participante 13, nos relatou abertamente quando disse fazer pesquisas sobre preços de suplementos e medicamentos sintéticos.

Ao analisarmos as respostas e as interações nas redes sociais daqueles que nos responderam negativamente, acreditamos que, ao admitirem abertamente que façam buscas por treinamentos diferenciados, troquem experiências sobre treinos, e que utilizam-se da internet para obter recursos ergogênicos, é admitir certo fracasso na administração de seu corpo.

Peyrò (2006) relata que, por estarmos imersos em uma sociedade que prima pelo culto ao corpo e sua imagem, não é de total estranhamento que desenvolvamos patologias que sejam focadas principalmente na perfeição corporal, pois os atuais modelos socioculturais de beleza masculina que nos são transmitidos pela mídia, estão nos educando de maneira indireta através dos benefícios “da imagem e do corpo perfeito”.

‘Ainda segundo o mesmo autor, tal “educação através da imagem e do corpo perfeito” fomenta o desejo de alcançar tais padrões e, tão forte quanto este desejo, é a frustração de não alcançá-lo.

Percebe-se, através das respostas que nos foram oferecidas, que esta busca por informações de como se obter um corpo (maior e) perfeito traz o lado comercial deste desejo bastante a florado, uma vez que nossos participantes fazem tais buscas e trocas de experiências através de instrumentos em que a publicidade é bastante presente.

Assim:

“... o que está claro é que se uma sociedade gera uma determinada norma social, do tema que seja (imagem estética, sexualidade, modelo de família, estilo de vida, etc.), e que tem a sua disposição meios de comunicação tão amplos e potentes como os atuais, pode gerar mais facilmente esses padrões, e influenciar com maior eficácia para que as pessoas as interiorizem e as coloquem em prática. Esta eficácia na transmissão das normas sociais, especificamente sobre o que é belo ou não, não tem paralelo com nenhum outro momento na história. A isso devemos adicionar que, atualmente existem enormes interesses econômicos em decretar, difundir e convencer que devemos buscar determinados modelos de beleza, pois o mesmo vem associado ao consumo de produtos para emagrecer, freqüentar academias ou adquirir produtos de beleza” (BAILLE, 2005 citado por PEYRÒ, 2006, p.354)

Pensamos, também, ser de análise complementar ao exposto acima, o fato de o participante 11 ter um site de musculação para a divulgação de dicas de treinos, consumo de suplementos alimentares, dicas de como utilizar esteróides, quais os melhores produtos que, associados a tudo o que o site oferece, pode proporcionar uma experiência “única e exclusiva” a corpos que

possuem “*individualidade biológica*” (participante12), mas que estão cada vez mais semelhantes uns aos outros.

Vemos também que o discurso médico-científico se faz presente em diversos momentos, pois este fornece uma justificativa confiável e de grande respaldo para todos os métodos utilizados para se obter o corpo (maior e) perfeito.

Questão 10: O que você pensa sobre a frase que diz que “na musculação, quanto maior (corpo), melhor”?

Participante 1: ACHO MUITO BACANA!

Participante 2: ACHO ILUSÃO! POIS DE QUE ADIANTA SER GRANDE SE NÃO FOR COMPLETO!E COMO DIZIA O ARNOLD! É MAIS FÁCIL P/UM ATLETA DE 90 KILOS CHEGAR A PERFEIÇÃO DO QUE UM COM 140 KILOS....NÃO É VERDADE????????????? ACHO LEGAL A SUA ABORDAGEM EM ASSUNTOS DESSE TIPO! POIS HOJE A GALERA ESTÁ SE PERDENDO ! A VIGOREXIA OU BIGOREXIA !É UMA DOENÇA! QUE SE NÃO FOR TRATADA MATA!

Participante 3: concordo,musculos e dinheiro,duas coisas que nunca sao de mais

Participante 4: Tem controversas. eu particularmente acho que grande e definição andam lado a lado de mãos dadas, eu acredito que vale mais alguém grande e "rasgado" do que alguém grande e inchado sem definição.....se fosse assim todo fisiculturista iria para o mister olympia sem definição e com muita massa corporal, inchado e com camada de gordura e água sobre os musculos....

Participante 5: Do ponto de vista da saúde, pode não ser, mas da estética, eu concordo com a frase, se não eu não estaria me "matando" de tanto treinar.

Participante 6: É O QUE TODOS QUE GOSTÃO DE MUSCULAÇÃO PROCURÃO.

Participante 7: então penso o seguinte,na verdade esse conceito esta errado,nem sempre maior é melhor,o mais importante é a saúde,talvez quando se busca um corpo muito hipertrofiado acaba se por muitas vezes deixando a saude de lado,fazendo uso de anabolizantes e outros métodos não saudáveis.]

Participante 8: Essa frase é interessante, pois há várias formas de interpreta-la. Claro q a grande maioria das pessoas desejam mais "volume", então eu digo q é um pensamento presente nas academias, porém, muitas pessoas seguem esse pensamento ao extremo e acabam fazendo uso de substâncias q prejudicam sua saúde.

Participante 9: (não respondeu)

Participante 10: Sim, qto maior melhor.

Participante 11: Bobagem. nem sempre maior é melhor. Um físico

melhor, não necessariamente tem que ser maior. Se pensarmos em um menino que pesa 60 kgs..para ele, quanto maior, melhor. Mas se usarmos como exemplo um atleta experiente, de 100 kgs, para ele, muitas vezes seria necessário refinar o físico, trabalhando áreas específicas.

Participante 12: *bom eu penso em ser monstro rs, mas isso não é regra pra todos. O que é bom pra mim pode ser ruim pra vc...eu até posso considerar essa frase se ela for dirigida à minha pessoa !*

Participante 13: *Eu não só penso nessa frase como eu ponho ela em prática, pra mim isso é tudo, quanto maior, melhor. É simples, quem mais chama atenção, é o cara alto e magro ou gordinho, ou o cara que tem o peitoral quase rasgando a camiseta? Não é uma questão de dizer, ah eu pego mais mulher ou isso e aquilo, até pq não treino para as mulheres, eu treino pra mim mesmo e já era. Mas a questão é, quem tem o físico mais esculpido.*

Ao encerrarmos nossos questionamentos com essa pergunta, nos deparamos com situações semelhantes com as descritas nos aspectos de detecção da vigorexia, pois abordando o tema em questão desta maneira, nossos participantes nos revelam que não só desejam um físico maior, eles o desejam com qualidades superiores àqueles que também possuem um tipo físico avantajado.

Nesses relatos notamos que o desejo pela perfeição corporal toma forma sob nuances de esculturação corporal, focando ora no corpo como um todo, e ora em partes do corpo que necessitem ser melhoradas, para que estes corpos possam atingir sua máxima potencialidade.

Os discursos se perdem em momentos que, para se obter a credibilidade necessária, se faz uso do politicamente correto, com a recusa e condenação do uso de substâncias potencialmente nocivas ao corpo, como podemos verificar no discurso dos participantes 7 e 8, em contraposição às comunidades virtuais das quais estes fazem parte e dos tópicos de discussão em torno destes temas, que são demonstradas a seguir:

Fisiculturismo Radical (1235 membros)

Com a descrição:

“Se você vai na academia para paquerar é um bundão, se você vai na academia para “fazer aula” é um cuzão,

se você vai na academia para TREINAR é um VENCEDOR !

Esta comunidade é dedicada ao atleta fisiculturista mas atletas de quaisquer outras modalidades são bem-vindos desde que não sejam bundas moles que não treinam porra alguma. Disseminar a filosofia de treino Hardcore é a principal meta desta comunidade. Se por algum motivo você não se identificar com esta comunidade ou com seus membros ...

CAIA FORA !

Aqui não estão os bons e sim os melhores !

Se você quer trocar informações sobre treino , dieta , nutrição e ergogênicos , o lugar é aqui.

Tenha em mente de sempre escrever coisas que serão úteis a toda a comunidade.

Perguntas de como tomar creatina, quantos Hemogenin enfiou no rabo pensando que iria crescer e outras merdas deste tipo serão eliminadas na hora . Aqui é só debate sério e hardcore. Mais uma vez :

Se achar que algo aqui não lhe agrada finja que vá cagar e vá embora !”

Ou então:

Ninguém tá puro!!!!!!! (1638 membros)

Descrita da seguinte maneira:

“se vc chega num evento e olha ao redor e encontra pessoas comédias e muito doidas que nao parecem ESTAR PURAS, seja la por qual motivo, alcoolizadas,bomba, doidas por natureza, etc ...ai vc percebe q ninguem ta puro nao...ou se vc nao esta puro entrem aki...”

Os tópicos de discussão são os mais variados, mas sempre com o mesmo objetivos, ficar mais musculoso. Como por exemplo, este tópico na comunidade virtual “O que cresce natural é planta”:

- Qual (**esteróide** – destaque e grifo do autor) aki vc teria coragem de usar???só ã vou colocar gh pq seria o preferido de tds!!

- () A.D.E ou synthol...mi lembra greg valentino!!!

- () deposteron...obs:o preferido de arnold!!!

- () hemogenin...é pouquinho perigoso!!

- () durateston!!

() *potenay!!!*

Novamente recorremos a Peyrò (2006) para estabelecermos relações entre as respostas que nos foram apresentadas com a vigorexia, pois este autor relata que a vigorexia pode ter importantes conseqüências, e um dos principais problemas é proveniente da utilização de esteróides anabolizantes.

O consumo e conseqüente abuso destes recursos ergogênicos prejudicam seriamente a saúde, podendo potencializar os riscos de se estabelecerem alterações cardiológicas importantes, lesões hepáticas, alterações nos níveis de sódio e potássio, impotência, disfunções eréteis, alterações no tamanho e forma dos testículos, dentre outras.

O que nos chama a atenção de maneira bastante significativa é que as alterações descritas acima são consideradas riscos assumidos e não são objetos de atenção tão importantes quanto os efeitos secundários dos esteróides: acne e aumento de pêlos no corpo.

Tal fato se dá porque a acne e o aumento de pêlos no corpo estão à vista e relacionados diretamente com a estética corporal, tal preocupação pode ser notada nas interações do participante 9, com amigos em sua página pessoal, que serão expostos a seguir:

Diálogo 1:

Amigo 1: *Os Braços tão mrm,mais tua face não,pq tu é feio pra carai SHUAshuashuAHSA*

Zuera zé,fiquei impressionado com os braços,ta sinistro!

Participante 9: *na boa,se não fosse minhas espinhas eu era bonito*
(grifo do autor)

até,se eu fosse uma garota ficaria comigo..falei bosta hah

Amigo 1: *Até a parte das espinhas tava legal,tu falo bonito,mais se comparo com uma garota?SAHUshAUSAsa*

Participante 9: *só to vendendo meu peixe haha*

Diálogo 2:

Amigo 2: *dorsal ta boa :D*

Participante 9: *foda são as espinhas né..*

Participante 9: *ta com quantos cm d braços e coxa ja?*

Amigo 2: 43 braço, 64 coxa
to igualzinho tu de espinha xD

Amigo 3: Porra, ta foda msmo as espinhas, mta testo....rs

Outros problemas advindos da prática excessiva de musculação, com o intuito de ficar cada vez maior, são as lesões acarretadas pelos aumentos sucessivos de carga e a não recuperação adequada tais como problemas ósseos e musculares, pequenas rupturas musculares e de tendões, encurtamento muscular e de tendões, falta de agilidade, etc.

Tendo este quadro em vista, vemos que:

“... os vigoréticos consomem endorfinas porque atuam como analgésicos endógenos. Quando uma pessoa pratica algum esporte até extenuar-se, o organismo começa a produzir estas substâncias para aliviar os sintomas, e isso permite que possam resistir mais e continuar o trabalho por mais tempo. Cada vez mais será maior a quantidade necessária de endorfinas para poder suportar a dor, o que leva a uma verdadeira adição a esta. Deve-se prestar especial atenção a dor, porque é um sinal de alarme das possíveis conseqüências do sobretreinamento típico dos sujeitos afetados por esta patologia. Também se consomem medicamentos para evitar a ginecomastia (muito comum entre os vigoréticos e muito dolorida), acompanhado de fármacos anticancerígenos para evitar o câncer de mama, que retardam ou evitam o crescimento do tecido mamário.”
Tradução livre do autor (RAMIRO, 2006; CASTILLO, 2004 citados por PEYRÒ, 2006, p.365)

Portanto, após a aplicação deste questionário, obtivemos discussões de bastante relevância quando nos referimos a vigorexia. Estas análises e discussões favoreceram nossos olhares para que eles nos conduzissem a observar comportamentos altamente prejudiciais à saúde dos participantes desta pesquisa, bem como incoerências em seus discursos, na tentativa de amenizar suas escolhas.

Favoreceu, sobretudo, para uma percepção sócio-cultural diferente daquela estabelecida na formação profissional do professor de Educação Física, diante de um corpo: o corpo aqui estudado, objeto de trabalho de alguns profissionais da atividade física, é um corpo transformado e replicado por

usuários das redes de comunicação social aqui tratada, de modo a se ver livre de sanções e discordâncias, uma vez que aqueles que assim procedessem estariam excluídos do veículo de comunicação.

Estas duas questões são relevantes para o entendimento do corpo vigorético e da utilização da rede social de comunicações, em especial às comunidades específicas, uma vez que a pertença a estes grupos apresenta um lugar comum: a concordância ou a busca pelo modelo aí exposto.

9. Considerações Finais

O estudo procurou estabelecer conexões entre o quadro corporal atual, com inúmeras exigências e questões a se valorizar quando pensamos no corpo e suas representações. Atualmente o corpo, por si só, não representa algo socialmente valorizado, a menos que esteja perpassado por inúmeros cuidados que o caracterize como um corpo valorizado.

Tais cuidados acabam por ocasionar situações em que a exacerbação dos exercícios físicos e todos os cuidados para se obter esta perfeição estabelecem quadros patologizantes, fazendo o discurso da boa forma física e da saúde se perder em meio a tantas exigências sociais e pessoais que representam o corpo perfeito.

Com base na análise e discussão dos dados podemos concluir que os distúrbios de imagem se fazem presentes em grande número em usuários da rede, uma vez que nossos participantes deram indícios significativos da ocorrência de vigorexia em seus depoimentos e interações com seus pares.

Tal análise nos demonstra que tais usuários da rede encontram neste veículo de comunicação, informação, entretenimento, dentre outras qualidades, um espaço fértil de oportunidades para divulgar o que consideram “seus estilos de vida”, e também encontram respaldo de seus pares para que isso se evidencie e cresça em proporções nunca imaginadas em outras épocas.

A solidificação deste “estilo de vida”, como é considerada a vigorexia, mesmo contendo caracterizações patológicas de um distúrbio de imagem, e trazendo consigo toda uma problemática importante, é vista como status para quem a “possui.”

Vemos também que os acometidos por esta patologia estão cientes da existência desta, bem como de sintomas e das possíveis complicações do estabelecimento deste quadro patológico, o que nos trouxe questionamentos importantes, tais como, se sabem da existência da patologia em questão e de todos os riscos inerentes, quais forças estão presentes neste discurso da boa forma física e do corpo perfeito que impulsionam cada vez mais estas pessoas para comportamentos de risco?

Isso nos leva a outra questão analisada neste trabalho, a interferência midiática na formação deste distúrbio de imagem. Este questionamento nos

leva a importantes contribuições para a detecção desta interferência midiática, tais como a busca constante por imagens corporais consideradas padrão de beleza e perfeição, troca de experiências no tocante a obtenção deste corpo perfeito, compra e venda de produtos destinados a estes fins e, o que em nosso entendimento é de significativa importância, a apresentação e divulgação de si como um corpo em construção, em busca da perfeição corporal.

Esta apresentação nos mostrou, em grande medida, que as pessoas não só se apresentam sob uma luz favorável, o que já era de se esperar, como encontram na rede meios de o fazerem de maneira potencializada, dado os inúmeros recursos disponíveis para retoques e correções corporais daquilo que ainda não foi feito.

A rede mundial de computadores, com suas inúmeras possibilidades, é veículo também para o estabelecimento de vínculos e padrões estéticos que transcendem o mundo das academias de ginástica e musculação, é terreno fértil para cultivo de “amizades” e amizades que façam seus participantes se sentirem acolhidos e validados em seus estilos de vida.

Com o desenvolvimento deste estudo colocamo-nos em uma posição onde começamos a nos questionar se o “mito do corpo perfeito” realmente existe, da maneira como é idealizado. Cada época, uma idealização de corpo perfeito, técnicas e cuidados com os corpos são condições base para quem almeja tal corpo, bem como estar de acordo com o que é mais moderno e atual para este objetivo.

Presenciamos nos dias atuais o fato de termos acesso e meios de divulgação tão eficientes que o “tal mito” se torna inalcançável, em especial por se estabelecer em algo em constantes conflitos e diferentes pulsões, algo desejante de fatores, de necessidades primárias quanto coisas que o transcendem em sua condição humana: o nosso próprio corpo.

O normal/natural, por mais que se queira estabelecer esta relação com o corpo, não faz parte do dicionário deste, se é que um dia já o fez. Encontramos na rede mundial de computadores situações que fogem do que podemos conceber como situacional, que só poderia ocorrer neste ambiente de simulações, falsas representações, do “eu” maquiado.

Vemos que a presença do “outro” é cada vez mais real e significativa neste ambiente virtual. Os corpos que vemos hoje, objetivando ao perfeito, pode ser mais desejado e visto, de maneira jamais imaginada, por quantidade virtualmente ilimitada de “seguidores”, pois “... podemos pensar a cultura do corpo como uma cultura do narcisismo.” (GOLDENBERG, 2002, p. 8)

Nossas preocupações centram-se no poder de alcance das idéias tão difundidas com relação ao “corpo perfeito”, trazendo consigo patologias que fazem daquele corpo potencialmente perfeito, escravo de si, com potencialidades em igual medida para o estabelecimento de distúrbios de imagem.

Tal escravidão, ou cultuação, do próprio corpo deve ser de primordial atenção aos profissionais que trabalham (com) este corpo, em especial destaque aos profissionais de Educação Física, pois estes são os escolhidos para cuidar, mesmo que inicialmente, dos “postulantes ao corpo perfeito”.

Nossa formação não deveria relegar apenas aspectos tecnicistas e que reforcem tais comportamentos, mascarando patologias de gravidade evidenciadas, por discursos médico-fisiológicos, pois assim, só estaríamos empurrando o problema um pouco mais a frente, na esperança de que outros cuidem do que deveria ter sido feito em fases iniciais.

Não defendemos aqui a falta de profissionalismo com o exercício ilegal e descontextualizado de funções que não nos competem, e sim de maior intercâmbio de conhecimentos e vivências inter-áreas, para que não estabeleçêssemos quadros onde um só profissional, de uma determinada área fosse responsável por aspectos que compreendam a multidisciplinaridade.

Por ser assunto de vasta amplitude e problemática significativa, pensamos serem necessários maiores estudos, estudos esses que cabem em diversas áreas do conhecimento, proporcionando assim, crescimento interdisciplinar e potencializado, passível de consultas sem restrições de qualquer natureza.

Como explicitado ao longo deste trabalho, ter um corpo, ser um corpo, ou qualquer expressão que o valha, vai nos remeter sempre àquilo que nos é mais caro e mais íntimo: refere-se a nós mesmos e a todos os fatores que perpassam nossa existência. Por este motivo, a formação adequada de

profissionais das mais variadas áreas do conhecimento se faz necessário para que este assunto não se perca em meio a tantas exigências que nos cercam.

Mais: a formação adequada destes profissionais das mais variadas áreas do conhecimento possibilitará “aos participantes de programas de atividades físicas ou curiosos pela força ou tamanho do corpo ou, ainda, por aqueles que sentem fascínio diante do corpo transformado” um conjunto de argumentos fundamentados e adequados, sem os pudores e falsas verdades ou sem os melindres a que estamos submetidos.

Uma boa formação nos possibilitará e permitirá entender que o desenvolvimento humano está além do desenvolvimento físico, apenas. Que representa muito mais do que uma capa muscular externa desenvolvida. Que a unicidade humana está no brilhantismo e virtuosismo com que encararemos nossa realidade humana. Exatamente da maneira que somos e não da maneira que pensamos ser.

10. Referências

AGUIAR, S. Formas de organização e enredamento para ações sociopolíticas. **Informação & Informação**, Universidade Estadual de Londrina, Vol. 12, Edição especial, 2007. Disponível em: <<http://www2.uel.br/revistas/informacao/viewissue.php?id=39>> Acesso em: 15/03/2011.

_____. Redes sociais na internet: desafios à pesquisa. In: **XXX Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – SBEIC** (Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação). Santos, 2007.

ALMEIDA, G. A. N.; SANTOS, J. E.; PASIAN, S. R.; LOUREIRO, S. R.. Percepção de tamanho e forma corporal de mulheres: estudo exploratório. **Psicologia em Estudo**. Maringá: v.10, n.1, p. 27-35, 2005.

ANDRADE, A.; BOSI, M. L. M. Mídia e subjetividade: impacto no comportamento alimentar feminino. **Revista de Nutrição**. Campinas: v. 16, n. 1, p. 117-125, 2003.

ARAÚJO, Y.R.G. **Telepresença**: interação e interfaces. São Paulo: EDUC/FAPESP, 2005.

ASSUNÇÃO, S. S. M. Dismorfia Muscular. **Revista Brasileira Psiquiatria**. São Paulo, V. 24, supl. III, p. 80-84, 2002.

BECKER JR. B. **Manual de Psicologia aplicada ao Exercício & Esporte**. Porto Alegre: Edelbra, 1999.

CALLIGARIS, C. Verdades de Autobiografias e Diários Íntimos. In: **Estudos históricos**. Rio de Janeiro: Cpdoc/FGV, nº 21, 1998. Disponível em <www.cpdoc.fgv.br/revista/arq/236.pdf>. Acesso em: 8/10/2010.

CAMARGOS, C.N.; ASSUNÇÃO, L.O.T. Um breve panorama reflexivo sobre a tecnologia da beleza e da construção do corpo na cena contemporânea. **Arquivos em Movimento** (Revista Eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos – UFRJ), v. 3, n. 2, p.135 – 152, Jul. / Dez., 2007.

COSTA, R. Por um novo conceito de Comunidade: Redes Sociais, Comunidades Pessoais e Inteligência Coletiva. **Interface – Comunicação, Saúde, Educação**. V.9, n.17, p.235-48, mar/ago 2005.

COURTINE, J.J. Os Stakhanovistas do Narcisismo: bodybuilding e puritanismo ostentatório na cultura americana do corpo. In SANT'ANNA, D. (org.) **Políticas do Corpo**. São Paulo: Estação Liberdade, 1995.

ESTAVÃO, A.; BAGRICHEVSKY, M. Cultura da “Corpolatria” e Body-Building: notas para reflexão. **Revista Mackenzie de Educação Física e Esporte**. São Paulo, ano 3, número 3, p.13-25, 2004.

_____. A política no corpo: Mulheres fisiculturistas, corpos hiperbólicos. 2005. Tese de Doutorado – Departamento de Ciências Sociais – Pontifícia Universidade Católica/ SP, São Paulo.

FERRARI, A. T. **Fundamentos de Sociologia**. São Paulo: McGraw-Hill do Brasil, 1983.

GARCIA, W. O corpo contemporâneo: a imagem do metrossexual no Brasil. **Mneme – Revista Virtual de Humanidades**, v. 5, n. 11, p.1-15, jul./ set, 2004. Disponível em <
<http://www.periodicos.ufrn.br/ojs/index.php/mneme/article/view/230>> Acesso em: 21/01/2011.

GARTON, L; HARTHORNTWHAITE, C; WELLMAN, B. Studying Online Social Networks. Journal of Computer Mediated Communication, V 3, 1997. Disponível em <<http://www.ascusc.org/jcmc/vol3/issue1/garton.html>>. Acesso em: 07/12/2010.

GOFFMAN, E. **A representação do eu na vida cotidiana**. 12ª ed. Petrópolis: Vozes, 2004.

GOLDENBERG, M.; RAMOS, M.S. A civilização das formas: o corpo como valor. In GOLDENBERG, M. (org.) **Nu e Vestido**: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

HEAD, T. **History of war on drugs**. Disponível em <<http://civilliberty.about.com/od/drugpolicy/tp/War-on-Drugs-History-Timeline.htm>> Acesso em: 22/02/ 2011.

JEUDY, H-P. **O corpo como objeto de arte**. São Paulo: Estação Liberdade, 2002.

KALIL, G. **CHIC – Homem**: Manual de moda e estilo. São Paulo: Editora SENAC, 1998.

KOZINETTS, R.V. On netnography: initial reflection on consumers research investigations of cibercultura. In: **Advances in Consumer Research**, V. 25, eds. Joseph W. Alba & J. Wesley Hutchinson, Provo, UT : Association for Consumer Research, p.366-371, 1998. Disponível em <<http://www.acrwebsite.org/volumes/display.asp?id=8180>> Acesso em: 03/07/2011.

KNIJNIK, J. D.; SIMÕES, A.C. Ser é ser percebido: uma radiografia da imagem corporal das atletas de handebol de alto nível no Brasil. **Revista Paulista de Educação Física**. São Paulo, v. 14, n.2, p. 196-213, jul/dez, 2000.

LISBÔA, E.S.; BONTTENTUIT, J.B.; COUTINHO, C.P. O Contributo do vídeo na educação online. In: X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia – Universidade do Minho, 2009, Braga. **Actas do X Congresso Internacional Galego-Português de Psicopedagogia**. Braga: Universidade do Minho, 2009, p. 5858 – 5868.

LOES, J. Lipoaspiração para fazer mais negócios. **Isto É**. São Paulo: Três , n. 2124, p. 100-101, 2010.

MACHADO, A.A. **Psicologia dos esportes**: Temas emergentes I. Jundiaí: Apice Editora, 1997.

MALYSSE, S. Em busca dos (h) alteres-ego: Olhares franceses nos bastidores da corpolatria carioca. In GOLDENBERG, M. (org.) **Nu e Vestido**: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MARTINS, C.J.; ALTMANN, H. Construções Históricas de Ideais de Corpos Masculinos e Femininos. In BAGRICHEVSKY, M.; ESTEVÃO, A. & PALMA, A. (orgs.). **A Saúde em Debate na Educação Física**. Bahia: UESC, 2007

MATTOS, R.S. Sou gordo, sou anormal. **Arquivos em Movimento** (Revista Eletrônica da Escola de Educação Física e Desportos – UFRJ), v. 3, n. 2, p.153 – 173, Jul. / Dez., 2007.

MATURANA, L. Imagem Corporal: Noções e definições. Disponível em <<http://www.efdeportes.com>> **Revista Digital de Educação Física- REFELD**. Buenos Aires: Ano 10, N° 71. Acesso em: 09/04/2004.

MOCELLIN, A. **Internet e Identidade**: Um Estudo Sobre o Website Orkut. Trabalho de conclusão de curso de Ciências Sociais. Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis. 2007. Disponível em <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/mocellim-allan-internet-e-identidade.pdf>> Acesso em: 19/03/2011.

NASIO, J. –D, **Meu corpo e suas imagens**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

NANFELDT, S. **Plus Stile**: Guide to Looking Great. Nova York: Plume Bool, 1996, p. 11.

NEGRINE, A. Instrumentos de coleta de informações na pesquisa qualitativa. In: TRIVIÑOS, A. N. S.; NETO, V. M. (org.) **A pesquisa qualitativa na Educação Física**: alternativas metodológicas. Porto Alegre: Editora UFRGS/Sulina, 61-93, 2004.

NOVAES, J. V.; VILHENA, J. De Cinderela a moura torta: sobre a relação mulher, beleza e feiúra. **Interações**. São Paulo, v. 8, n. 15, jun. 2003.

PEYRÓ, C.F. La apariencia y características de los modelos publicitarios: códigos no verbales de la realidad em el discurso publicitário, como factor de influencia social midiática em la vigorexia masculina. 2006. Tese de Doutorado - Departamento de Filosofia, Sociologia, Comunicação Audiovisual e Publicidade - Universidade Jaume I, Castellón, Espanha.

POPE JR, H.G.; PHILLIPS, K.; OLIVARDIA, R. **O Complexo de Adônis**: Obsessão Masculina pelo Corpo. Rio de Janeiro: Campus, 2000.

RECUERO, R. Teoria das Redes e Redes Sociais na Internet: Considerações sobre o Orkut, os Weblogs e os Fotologs. In: XXVII Intercom, 2004, Porto Alegre. **Anais do XXVII Intercom**, 2004.

RICHARDSON, J. R. **Pesquisa social**: métodos e técnicas. 3. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

ROSEN, J.C.; SREBNIK, D. SALTZBERG, E.; WENDT, S. Development of a Body Image Avoidance Questionnaire. **Psychological Assessment**. Vermont: V. 3, n. 1, p. 32-37, 1991.

RUBIN, D. Agora elas querem homens de rostos delicados. **Isto É**. São Paulo: Três, n. 2109, p. 64-65, 2010.

SABINO, C. Anabolizantes: Drogas de Apolo. In GOLDENBERG, M. (org.) **Nu e Vestido: Dez Antropólogos Revelam a Cultura do Corpo Carioca**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

SALABERRIA, K., RODRÍGUEZ, S., CRUZ, S. **Percepción de la imagen corporal**. Buenos Aires: Osasunaz, 2007.

SANTAELLA, L. **Lições e Subversões**. São Paulo: Lazuli Companhia Editora Nacional, 2009.

SAVERIANO, M.F.V.; RÊGO, M.O.; MONTEFUSCO, E.V.R. O corpo idealizado de consumo: paradoxos da hipermodernidade. **Revista Mal-estar e Subjetividade**. Fortaleza: Vol.X, Nº 1, p.137-165, mar/2010.

SCHILDER, P. **A imagem do corpo**: as energias construtivas da psique. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

SCHWARTZ, G.M.; SILVA, R.L.; ZANCHA, D. & FERREIRA, M.L.C. A internet como espaço de lazer. In: Simpósio Internacional de Ciências do Esporte, 21., 1998, São Paulo. **Anais...** São Paulo: CELAFISCS, 1998, P.135.

SCHWARTZ, G.M. O conteúdo virtual do lazer: contemporizando Dumazedier. **Licere**, CELAR/ Belo Horizonte, v. 2, n. 6, p. 23 – 31, 2003.

SEVERIANO, M. F. V. **Narcisismo y Publicidad: un análisis psicosocial de los ideales del consumo en la contemporaneidad**. Buenos Aires: Siglo XXI de Argentina Editores, 2005.

SHONTZ, F.C. Body Image and its Disorders. **The International Journal of Psychiatry in Medicine**, v. 5, n.4, p. 461-472, 1974. Disponível em: <<http://baywood.metapress.com/app/home/contribution.asp?referrer=parent&back=issue,13,22;journal,140,159;linkingpublicationresults,1:300314,1>>. Acesso em: 28/10/2010.

SILVA, A. B. B. **Mentes insaciáveis: anorexia, bulimia e compulsão alimentar**. Rio de Janeiro: Ediouro, 2005.

SILVA, R. L. **Gênero, discriminação, homossexualidade feminina e lazer**. 2000. 85f. Monografia (trabalho de conclusão de curso de bacharel em Educação Física) – Departamento de Educação Física – Instituto de Biociências – Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, São Paulo.

_____. **As Emoções das Atividades Físicas de Aventura na Natureza e a Ressignificação do Papel Feminino**. 2004. Dissertação (Mestrado em Ciências da Motricidade – Área: Pedagogia da Motricidade Humana). Universidade Estadual Paulista, Rio Claro/SP.

TERRÓN, J.M.A. La mediación tecnológica de la experiencia: La globalización de los marcos experienciales en la construcción de imaginarios socioculturales. **Razón y Palabra**. México: n.27, jun-jul de 2002. Disponível em <<http://www.razonypalabra.org.mx/anteriores/n27/jaguado.html#ja>> Acesso em: 15/11/2010.

TAVARES, M.C.C. **Imagem Corporal: Conceito e Desenvolvimento**. São Paulo: Manole, 2003.

_____. Imagem corporal e narcisismo no contexto do corpo em movimento. 2003. Tese (Livre-Docência) – Universidade Estadual de Campinas, Faculdade de Educação Física.

_____. (org.) **O Dinamismo da Imagem Corporal**. São Paulo: Phorte, 2007.

TERTULLI, L.S.; TAVARES, M.C.C. Afinal, o que é Imagem Corporal? In TAVARES, M.C.C. (org.) **O Dinamismo da Imagem Corporal**. São Paulo: Phorte, 2007.

VIEIRA, M.M. Subculturas Juvenis nas Sociedades Modernas: Os Hippies e os Yuppies. **Revista Crítica de Ciências Sociais**. Coimbra: CES, n.35, p.131-147, 1992. Disponível em <http://www.ces.uc.pt/publicacoes/rccs/artigos/35/Jose%20Resende,%20Maria%20Manuel%20Vieira%20%20Subculturas%20Juvenis%20nas%20Sociedades%20Modernas.pdf>. Acesso em 14/03/2011.

Zamora, C.M.L., Bonaechea, B.B., Sánchez, G.F., Rial, R.B. Ortorexia nervosa. A new eating behaviour disorder? **Actas Especiales Psiquiatria**: V. 33, n. 1, p. 66-68, 2005.

ANEXOS

ANEXO I

Perguntas Geradoras de Entendimento

1. Quais são seus objetivos com seus treinamentos?
2. Você se considera uma pessoa musculosa ou “malhada”?
3. Você se preocupa com as medidas do seu corpo? Quais?
4. Você faz algum tipo de busca na internet por modelos ideais de corpo (imagens de referência)?
5. Qual seu ideal de corpo?
6. O que você considera como sendo um corpo ideal?
7. Você acha que já conseguiu seu corpo ideal?
8. Você está satisfeito com sua imagem corporal? Se a resposta for não, o que mais incomoda em seu corpo?
9. Você acessa a internet com o intuito de trocar experiências sobre musculação, tais como, passar/pegar treinos, comparar medidas corporais, resultados de treinos, etc.?
10. O que você pensa sobre a frase que diz que “na musculação, quanto maior
maior
(corpo), melhor”?

ANEXO II

Pessoas citadas pelos participantes da pesquisa como referências corporais

Arnold Scharzenegger



<http://www.blogodorium.net/fotos-e-biografia-de-arnold-schwazenegger-para-download/>



<http://www.blogodorium.net/fotos-e-biografia-de-arnold-schwazenegger-para-download/>

Frank Mcgrath

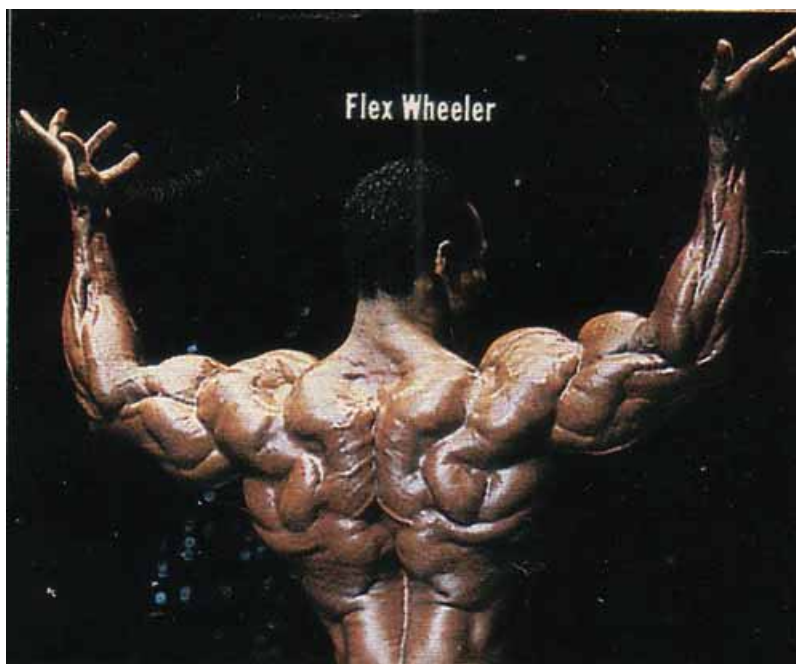


<http://treinocerto.blogspot.com/2011/02/frank-mcgrath-o-idolo.html>



<http://picasaweb.google.com/112590561810420412172/FrankMcGrath>

Flex Wheeler



<http://www.hipertrofia.org/forum/topic/39238-flex-wheeler/>



<http://www.hipertrofia.org/forum/topic/39238-flex-wheeler/>

Ronnie Coleman



<http://www.fotosdecelebridades.com.br/ronnie-coleman/ronnie-coleman-de-costas/>



<http://www.orkut.com/CommMsgs?tid=5629612350719666888&cmm=115620&hl=pt-BR>

Markus Ruhl



<http://definicaototal.com.br/>



<http://gal1.jstats.us/key/markus>

Jay Cutler



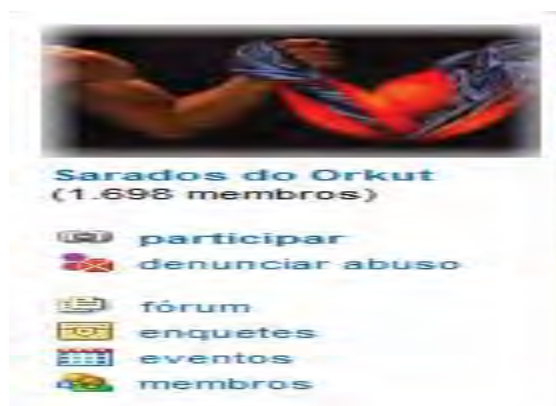
<http://fitnessanddefense.com/jay-cutler-diet/>



<http://anthonycolpo.com/?p=2079>

ANEXO III

Comunidades Virtuais citadas no trabalho



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=7395131>



**O QUE CRESCE
NATURAL É PLANTA**
(5.784 membros)

-  participar
-  denunciar abuso
-  fórum
-  enquetes
-  eventos
-  membros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=110078928>



Vigorexia
(6.603 membros)

-  participar
-  denunciar abuso
-  fórum
-  enquetes
-  eventos
-  membros

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=2606889>



**Eu treino em tdo q é
feriado!**
(3.162 membros)

 [participar](#)
 [denunciar abuso](#)

 [fórum](#)
 [enquetes](#)
 [eventos](#)
 [membros](#)

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=9108284>



**Malhado não,
Monstro sim**
(4.740 membros)

 [participar](#)
 [denunciar abuso](#)

 [fórum](#)
 [enquetes](#)
 [eventos](#)
 [membros](#)

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=16684194>



Não TREINO pra ser modelinho..
(21.888 membros)

-  **participar**
-  **denunciar abuso**
-  **fórum**
-  **enquetes**
-  **eventos**
-  **membros**

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=41600618>



Gordo? To em Off Seu Frango
(6.531 membros)

-  **participar**
-  **denunciar abuso**

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=24178996>



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=5820402>



<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=4873273>



Ninguem tá puro!!!!!!!
(1.638 membros)

-  **participar**
-  **denunciar abuso**
-  **fórum**
-  **enquetes**
-  **eventos**
-  **membros**

<http://www.orkut.com.br/Main#Community?cmm=32362977>

ANEXO IV

Parecer do Comitê de Ética em Pesquisa



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JULIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Rio Claro



DECISÃO CEP Nº 081/2011

Instituição: UNESP – IB – CRC	Departamento: Educação Física
Protocolo nº: 4455	Data de Registro CEP: 07.07.2011
Projeto de Pesquisa: "Corpos modernos e psicopatologias: ideais midiáticos e influências do ambiente esportivo sobre seus participantes"	

Pesquisa Individual	Pesquisador Responsável: --
	Colaborador(a): --

Pesquisa Aluno de Graduação	Pesquisador Responsável: --
	Orientador(a): --

Pesquisa Aluno de Pós-Graduação	Pesquisador Responsável: Flavio Francisco Dezan
	Orientador(a): Prof. Dr. Afonso Antonio Machado

Objetivo Acadêmico:	☐ TCC
	☒ Mestrado
	☐ Doutorado
	☐ Outros – (especificar)

O Comitê de Ética em Pesquisa do Instituto de Biociências da UNESP – Campus de Rio Claro, em sua 12ª reunião extraordinária, realizada em 28/08/2011

☒	Aprovou o Projeto de Pesquisa acima citado, ratificando o parecer emitido pelo relator.
☐	Desde que atendidas as pendências apontadas na reunião (vide anexo), aprova o Projeto de Pesquisa acima citado.
☐	Referendou o Projeto de Pesquisa acima citado, ratificando o parecer emitido pelo relator.
☐	Aprovou retornar ao interessado para atendimento das pendências encontradas (prazo máximo de 60 dias).
☐	Não Aprovou.
☐	Retirou , devido à permanência das pendências.
☐	Aprovou o Projeto de Pesquisa acima citado e o encaminha com o devido parecer para aprovação da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP/MS, por se tratar de um dos casos previstos no capítulo VIII, item 4.c

“Formulário para Acompanhamento dos Protocolos de Pesquisa Aprovados”
Data de Entrega: Novembro de 2011

Rio Claro, 28 de setembro de 2011

Prof.ª Dra. Rosa Maria Feltre Cavallari
Coordenadora do CEP